

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

RENATA LAGES ALVES EBERHARDT

JORNALISMO LITERÁRIO NA TV:
OS TEXTOS DO REPÓRTER MARCELO CANELLAS NA SÉRIE FOME NO BRASIL

Porto Alegre
2022

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RENATA LAGES ALVES EBERHARDT

JORNALISMO LITERÁRIO NA TV:
OS TEXTOS DO REPÓRTER MARCELO CANELLAS NA SÉRIE FOME NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Mércio

Porto Alegre

2022

RENATA LAGES ALVES EBERHARDT

JORNALISMO LITERÁRIO NA TV:
OS TEXTOS DO REPÓRTER MARCELO CANELLAS NA SÉRIE FOME NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Juan Domingues

Profª Drª Cristiane Finger

Porto Alegre

2022

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao meu marido e minha filha, grandes incentivadores e apoiadores durante minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Cláudio Mércio, pela orientação, incentivo, paciência, oportunidade de aprendizado acadêmico e profissional e pelo companheirismo durante minha jornada acadêmica.

À Professora Doutora Ivone Cassol, pelo encorajamento, carinho e por sempre acreditar no meu potencial.

À Professora Doutora Cristiane Finger, pelo incentivo e por acreditar no meu potencial acadêmico.

À Professora Doutora Ana Baseggio pelo carinho, amizade e por me fazer acreditar que eu poderia ser, além de uma profissional de relações públicas realizada e competente, também poderia me tornar uma grande jornalista.

Aos professores, técnicos e funcionários, minha gratidão pelo aprendizado, amizade e receptividade pelo meu retorno à Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, depois de 20 anos.

RESUMO

O tema “Jornalismo Literário na TV: os textos do repórter Marcelo Canellas na série Fome no Brasil” tem como objetivo analisar a humanização e recursos poéticos na construção dos textos da reportagem especial seriada para o Jornal Nacional da Rede Globo. Diante disso, o trabalho pretende demonstrar através de procedimentos metodológicos de documentação e de observação, com o uso da técnica de entrevista e estudo de caso, o quanto a comunicação escrita do jornalista pode ser relevante e impactante ao se utilizar das características do jornalismo literário para construir narrativas.

Palavras-chave: estudo de caso, jornalismo literário, telejornalismo, reportagem especial, série “Fome no Brasil”, humanização nos textos, Jornal Nacional, Marcelo Canellas

ABSTRACT

The theme “Literary Journalism on TV: the texts of the reporter Marcelo Canellas in the series Hunger in Brazil” aims to analyze the humanization and poetic resources in the construction of the texts of the serial special report for the Jornal Nacional of Rede Globo. In view of this, the work intends to demonstrate through methodological procedures of documentation and observation, using the interview technique and case study, how much the journalist's written communication can be relevant and impactful when using the characteristics of literary journalism to build narratives.

Keywords: case study, literary journalism, telejournalism, special report, “Hunger in Brazil” series, humanization in texts, Jornal Nacional, Marcelo Canellas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	O TEXTO NO JORNALISMO	11
2.1	GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO JORNALISMO IMPRESSO E TELEVISIVO	11
2.2	HIERARQUIA DE INFORMAÇÕES	14
2.3	ESTRUTURA DOS TEXTOS TELEVISIVOS	16
3	JORNALISMO LITERÁRIO	19
3.1	CONCEITO E HISTÓRIA DO JORNALISMO LITERÁRIO	19
3.2	RECURSOS POÉTICOS	24
3.3	A HUMANIZAÇÃO NOS TEXTOS TELEVISIVOS	25
4	HISTÓRICOS E REPORTAGENS ESPECIAIS	27
4.1	HISTÓRIA DO JORNAL NACIONAL E A PRODUÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS	27
4.2	HISTÓRIA DO MARCELO CANELLAS NA TELEVISÃO	36
4.3	MARCELO CANELLAS E A SÉRIE ESPECIAL FOME NO BRASIL	38
5	ANÁLISE DA ABERTURA E FECHAMENTO NOS TEXTOS DA SÉRIE FOME NO BRASIL	42
5.1	PERCEPÇÕES E OLHARES SOBRE OS TEXTOS DE MARCELO CANELLAS	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	52
	APÊNDICE A - Entrevista realizada pelo Zoom com Marcelo Canellas	56

1 INTRODUÇÃO

O tema “Jornalismo Literário na TV: os textos do repórter Marcelo Canellas para a série Fome no Brasil” aborda a humanização e recursos poéticos na construção dos textos da reportagem especial seriada para o Jornal Nacional da Rede Globo. Nela, o jornalista, sem deixar de informar, se utiliza de uma linguagem poética para alertar, cativar, emocionar e prender a atenção do espectador sobre um tema sempre atual.

Normalmente, o público assiste à televisão esperando por uma impactante imagem na grande tela, onde o texto fica sempre em segundo plano porque, como diz o famoso dito popular, do filósofo chinês Confúcio, “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Essa expressão, usada exaustivamente pela publicidade, é geralmente aplicada para destacar a importância da imagem na comunicação visual. O estudo pretende demonstrar justamente o contrário, o quanto a comunicação escrita do jornalista é relevante e ao mesmo tempo impactante, sem deixar de informar, tornando a imagem o coadjuvante da notícia. Um complemento à história narrada.

Esse processo de humanização no discurso do repórter, especialmente nos textos do Canellas, para a série, a história não relata um fato inédito ou furo¹ de reportagem. Ele retrata a realidade social de diversas pessoas, principalmente da região Norte e Nordeste do Brasil, de uma forma mais suave e emotiva sem ser piegas.

A “Fome no Brasil”, além de ser um tema atemporal, também é uma série muito premiada e revisitada por vários profissionais e estudantes da área de comunicação. Estudá-la permite diferentes olhares pelas lentes do jornalismo. Entre elas, a possibilidade que o repórter Marcelo Canellas tem de contar histórias

¹ É o jargão para a informação publicada num veículo antes de todos os demais. O furo é dado quando uma equipe de repórteres e editores consegue apurar uma notícia, um fato ou um dado qualquer e publica esta informação sem que os veículos concorrentes tenham acesso a ela.
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Furo_\(jornalismo\)#:-:text=Em%20Jornalismo%2C%20furo%20%C3%A9%20o,concorrentes%20tenham%20acesso%20a%20ela.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Furo_(jornalismo)#:-:text=Em%20Jornalismo%2C%20furo%20%C3%A9%20o,concorrentes%20tenham%20acesso%20a%20ela.)

humanas de uma forma genial e literária, contribuindo para as reflexões sobre fazer um jornalismo de qualidade, valendo-se do trivial. Assim, como é importante para essa autora da monografia estudar o jornalismo literário, onde a união do jornalismo à literatura, reforça sua paixão pelas letras, já que esta estreou nas publicações literárias, através de coletâneas de contos e poesias.

Nesse caso, é necessário contar a história do Jornal Nacional e do próprio jornalista, o momento em que essas narrativas se cruzaram e de que maneira aconteceram. E, quando o jornalismo literário surgiu e de que forma o identificamos nas aberturas e fechamentos dos textos de Marcelo Canellas. Por isso, elencamos esses problemas de pesquisa, para identificar e entender o processo de construção, trazendo conteúdo inédito para o trabalho.

Para a realização desse estudo, utilizamos procedimentos metodológicos de documentação, através das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental. Do método de observação é usada a entrevista e estudo de caso.

Esses métodos contribuem neste trabalho da seguinte forma: a pesquisa bibliográfica traz uma nova abordagem sobre a hierarquização de informações e tipos de textos jornalísticos. Assim como, a construção da importância do texto literário na humanização das reportagens televisivas e a diferença entre ele e os demais tipos de textos. Na pesquisa documental encontramos o conteúdo necessário para analisar o texto humanizado e literário da série “Fome no Brasil”, escrito pelo jornalista Marcelo Canellas.

O estudo de caso possibilita analisar os episódios veiculados entre os dias 18 e 22 de junho de 2001, no programa Jornal Nacional, da TV Globo, e aprimorar o estudo sobre a hierarquização das informações e a humanização através da escrita literária. A técnica de entrevista permite aprofundar o conhecimento sobre a vida do jornalista e os motivos para o uso de alguns termos em detrimento de outros na elaboração dos textos televisivos.

Essa monografia tem como fundamento a Teoria *Newsmaking* segundo os autores Traquina (2004) e Wolf (1995). Traquina esclarece os critérios de noticiabilidade, valores-notícia e a construção da notícia como estória, enquanto

Wolf fundamenta os valores-notícia, mas de acordo com as características substantivas delas, em relação ao seu conteúdo, à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo, ao público e à concorrência.

As obras de Pena (2006), Martinez (2016), Magalhães e Pimenta (2018) e Bulhões (2007) sustentam o jornalismo literário. Sobre a história da literatura no jornalismo temos o autor Pena. A autora Martinez (2016) traz os fundamentos do jornalismo literário e sua presença nas mídias e nos meios de comunicação. Enquanto os autores Magalhães e Pimenta refletem sobre a neutralidade dos textos jornalísticos e a expressão de sentimentos para contar histórias. Finalizamos com Bulhões (2007) traçando uma ligação histórica entre jornalismo e literatura e seus aspectos teóricos.

Para discutir o texto jornalístico na reportagem para televisão, da pauta até a elaboração e edição dos textos, consultamos os autores Barbeiro e Lima (2002), Ferrari e Sodré (1986), Flosi (2012), Lage (2005), Lopes, Rios e Valim (2021) e Paternostro (2006).

A monografia é desenvolvida em seis capítulos, entre os quais estão incluídas a Introdução e Considerações Finais. O segundo, O Texto no Jornalismo, a ênfase é sobre os gêneros jornalísticos, hierarquia de informações e a estrutura dos textos televisivos. No terceiro, sobre Jornalismo Literário, é abordado sua história e conceituação, recursos poéticos e humanização nos textos televisivos.

No quarto capítulo, História do Jornal Nacional e a produção de reportagens especiais, história do jornalista Marcelo Canellas e a série “Fome no Brasil”.

E, no quinto e último capítulo, a análise da abertura e fechamento nos textos dos cinco episódios da série “Fome no Brasil” e percepções sobre os textos do jornalista.

2 O TEXTO NO JORNALISMO

Neste capítulo falaremos sobre os gêneros jornalísticos no jornalismo impresso, hierarquia de informações e gêneros televisivos. Também abordaremos a estrutura dos textos televisivos.

2.1 GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO JORNALISMO IMPRESSO E TELEVISIVO

Os gêneros jornalísticos são estudados desde a década de 1960 no Brasil, apesar da dificuldade de se conceituar o termo. Os gêneros são uma forma de organizar os textos, em diversos formatos, para o leitor, telespectador e ouvinte, nas diversas mídias. Pena (2006) destaca a importância da divisão de gêneros nos textos para nortear a análise das estratégias do discurso, tipologias, funções e utilidades, entre outras categorias.

O jornalismo pode ser dividido em cinco gêneros, de acordo com Melo e Assis (2010): informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Na década de 1970 imperavam o informativo, opinativo e interpretativo, entretanto, por volta de 1985, Melo e Assis (2010) observaram a dominância dos gêneros informativo e opinativo.

[...] correspondem majoritariamente aos gêneros informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e utilitário (serviço), e secundariamente aos gêneros opinativo (editorial, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta) e interpretativo (enquete). (MELO; ASSIS, 2010, p. 28).

O jornalismo informativo, como o nome diz, serve para informar o público sobre o que está acontecendo, seja através de uma nota coberta com uso de imagens, mais comum na televisão ou simples que é muito utilizada pela TV e rádio, com texto curto e direto. Ou uma notícia mais aprofundada de algum fato relevante, que obedece aos critérios de noticiabilidade, ou com a reportagem, seja ela especial ou não, a qual envolve uma produção mais extensa e detalhada de um assunto que

já repercutiu. Ou ainda a entrevista, que é uma das formas de apuração de informações ou dados.

É necessário precisar melhor a observação de que, na comunicação de massa, os destinatários não recebem simples mensagens reconhecíveis como tal a partir de códigos conhecidos, mas conjuntos de práticas textuais. (WOLF, 1995, p. 113-114).

A resenha², coluna³, artigo⁴, editorial⁵, comentário⁶, crônica⁷, carta⁸ e caricatura⁹ compõem o gênero opinativo, de acordo com Melo e Assis (2010). Assim como, a enquete¹⁰, dossiê¹¹, perfil¹² e cronologia¹³ estão vinculadas ao

² A resenha é um texto que consiste em uma descrição, opinativa ou neutra, de determinado objeto, seja ele um evento ou uma obra cultural. tem como objetivo influenciar o seu leitor a acessar o material ou a evitá-lo. <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/resenha.htm>.

³ Texto redigido por um colunista, normalmente assinado, publicado com determinada regularidade num jornal, revista ou outro tipo de publicação. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Coluna_\(jornal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coluna_(jornal)).

⁴ Texto eminentemente opinativo — mais que informativo — publicado (ou veiculado) em seção destacada do conteúdo noticioso. Os autores recorrentes de artigos são chamados de articulistas. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Artigo_\(jornalismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Artigo_(jornalismo)).

⁵ Texto de cunho jornalístico e opinativo que serve para apresentar o posicionamento crítico de determinado grupo (empresa, jornal ou direção) sobre os principais assuntos do momento da publicação. Possui uma linguagem formal e padronizada na norma culta, com argumentação impessoal. <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/o-editorial.htm>.

⁶ Importante contribuição que a sociedade pode receber através e a partir de opiniões consistentes, bem fundamentadas, as quais podem ajudar a formar e/ou [re]formar a opinião pública. Jornalista explica a notícia. https://www.observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/_ed815_o_importante_papel_do_comentario_no_jornalismo/.

⁷ A crônica jornalística tem um viés do texto jornalístico no que diz respeito à veiculação de notícias e fatos. Dessa forma, busca abordar acontecimentos atuais, do mesmo dia ou semana, por exemplo. <https://ead.pucpr.br/blog/o-que-e-cronica#:~:text=A%20cr%C3%B4nica%20jornal%C3%ADstica%20tem%20um,dia%20ou%20semana%2C%20por%20exemplo.>

⁸ Espaço destinado aos leitores para expressarem suas opiniões e reclamações em jornais e revistas. Esse gênero possui uma função relevante para os meios de comunicação, de modo que a carta do leitor assegura uma resposta (feedback) de seus leitores. <https://www.todamateria.com.br/carta-do-leitor/>.

⁹ Ilustração para expressar opinião sobre algo factual, cujo objetivo principal é enfatizar e exagerar as características de uma pessoa, animal ou objeto, revelando um retrato bem-humorado, cômico e/ou irônico no que se refere aos aspectos físicos do objeto caricaturado e aos aspectos psicológicos e/ou comportamentais, como gestos, vícios e hábitos particulares. É um gênero discursivo que tem se tornado cada vez mais popular. Comumente ela está presente em jornais, revistas, blogs. <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-caricatura.htm>.

¹⁰ Ajuda a interpretar informações rapidamente, através de pequenas entrevistas para levantar a opinião da comunidade. <https://dicionariodejornalismo.blogspot.com/2011/05/enquete.html>.

¹¹ Compilação de dados. Dossier ou dossiê é uma coleção de documentos ou um pequeno arquivo que contém papéis relativos a determinado assunto, processo, empresa ou pessoa. Um dossiê geralmente contém a história de uma pessoa ou informações detalhadas para análise sobre um interesse em especial. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dossi%C3%AA>.

¹² O perfil jornalístico é um gênero do jornalismo literário e por isso não se utiliza de técnicas como o lead e pirâmide invertida. perfil é uma narrativa sintética, se concentra apenas em alguns episódios marcantes e em aspectos específicos da trajetória do perfilado. https://pt.wikipedia.org/wiki/Perfil_jornal%C3%ADstico.

¹³ Reconstituição dos acontecimentos de acordo com variedades temporais (secular, anual, semanal, horária). Destina-se a reconstruir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão pelo receptor. <http://narrativasmidiaticas.blogspot.com/p/jornalismo-interpretativo.html>.

interpretativo. O utilitário ao serviço¹⁴, roteiro¹⁵, indicador¹⁶ e cotação¹⁷. Finalizando com o gênero diversional, nos formatos história de interesse humano¹⁸ e história colorida¹⁹.

Para Nascimento (2009), a produção textual no jornalismo impresso pode ser dividida em tipos narrativos: nota, notícia e reportagem; tipos argumentativos: artigos, resenhas críticas e editoriais, a crônica que se situa entre jornalismo e literatura, suíte²⁰, perfil sobre personagem ou local e, entrevista que apresenta o personagem.

De acordo com Dayan e Katz (1999, *apud* MELO; ASSIS, 2010, p. 291), os gêneros televisivos começaram a ser estudados por pesquisadores a partir de 1970, quando Horace Newcomb e Raymond William destacaram-se como pioneiros no estudo.

Informação ou telejornalismo, educação e entretenimento, são as três categorias identificadas por Aronchi de Souza (2004) na televisão. Melo e Assis (2010) destacam a categoria telejornalismo, que se desmembra em cinco subcategorias, tais como: entrevista em estúdio, ao vivo ou através de enquete, reportagem que é a principal fonte de matérias do telejornalismo, programa de debates que envolve diversos entrevistados e entrevistadores, de acordo com o tema abordado, documentário que apresenta o máximo de informações sobre

¹⁴ Informações dos serviços públicos de interesse dos usuários/leitores. Principalmente no que diz respeito a empregos, concursos públicos, imóveis e mercado imobiliário, exercício da cidadania e serviços públicos. https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_de_servi%C3%A7o.

¹⁵ Fornece dados referentes ao consumo de bens simbólicos. <https://www.institutoliberal.org.br/blog/o-jornalismo-no-brasil-parte-iii-um-estudo-sobre-os-generos-jornalisticos/>.

¹⁶ Indicador é um elemento que possui como objetivo apontar ou mostrar algo a alguém, expressando o desempenho de processos durante um período e/ou impondo ações. <https://maisretorno.com/portal/termos/i/indicadores>.

¹⁷ A cotação levanta preços de um ativo, que pode ser uma ação no mercado financeiro. dados de mercado. <https://capitalresearch.com.br/blog/o-que-e-cotacao/>.

¹⁸ Busca na literatura aspectos que geram a humanização. Mesmo que use ficção, os "relatos devem primar pela verossimilhança". Facetas dos agentes noticiosos. <https://www.institutoliberal.org.br/blog/o-jornalismo-no-brasil-parte-iii-um-estudo-sobre-os-generos-jornalisticos/>.

¹⁹ Relatos que privilegiam tons e matizes. Relatos de natureza pictórica, com estilo "impressionista", e observa detalhes não perceptíveis a "olho nu". <https://www.institutoliberal.org.br/blog/o-jornalismo-no-brasil-parte-iii-um-estudo-sobre-os-generos-jornalisticos/>.

²⁰ Matéria atualizada sobre notícia já veiculada. Espécie de 'desdobramento' da matéria principal, a suíte geralmente é um texto complementar ao que já foi publicado anteriormente com novas informações e adendos. <https://www.leiaepine.com.br/jornalismo/o-que-e-suite-no-jornalismo/>.

determinado tema e tem vínculo com o cinema e telejornal feito no estúdio, com apresentador e costuma ser ao vivo.

E, em subcategorias episódicas, o plantão que utiliza espaço na grade de programação para informar sobre fatos de grande repercussão, emissões de jornalismo especializado, programas voltados a um público segmentado, como por exemplo, agropecuários e desportistas, e espetáculos midiáticos como copa do mundo, olimpíadas, casamentos de celebridades, conforme Dayan e Katz (1999 *apud*, MELO; ASSIS, 2010, p. 297).

Esses gêneros ainda hoje são altamente discutidos por diversos autores, pois o jornalismo está em constante transformação e algumas lacunas têm surgido na conceituação e divisão dos tipos de gêneros jornalísticos.

2.2 HIERARQUIA DE INFORMAÇÕES

Durante o século XIX o jornalismo passou por algumas inovações. Uma delas foi a técnica de descrição para a produção de reportagens e a mudança no formato das notícias, fazendo com elas fossem tratadas como um produto empacotado, dando origem ao que chamamos hoje de pirâmide invertida²¹, conforme Traquina (2004, v.1).

Os jornais que antes eram lidos pela elite, ganham novos leitores no final do século XIX, pois o aumento na oferta de escolas públicas, o número de alfabetizados cresce consideravelmente assim como as tiragens dos impressos. A publicidade começa a fazer parte da rotina das empresas jornalísticas, permitindo que elas se desvinculem dos partidos políticos e tenham mais independência financeira nas redações e deixem de publicar somente opiniões nas páginas dos jornais.

²¹Técnica de estruturação do texto jornalístico visando informar a população acerca dos acontecimentos nos campos de batalha de forma mais clara e objetiva. A redação jornalística privilegia a disposição das informações em ordem decrescente de importância. Assim, os fatos mais relevantes são utilizados para abrir o texto jornalístico, enquanto os de menor relevância aparecem na sequência. https://pt.wikipedia.org/wiki/Pir%C3%A2mide_invertida.

O rádio começa a ganhar mais espaço no Brasil em 1922 com o avanço nas comunicações enquanto o telégrafo chega ao país somente em 1957.

Para trabalhar com o telégrafo, os jornalistas precisavam simplificar o texto, pois custava caro transmitir conteúdos muito longos. Além disso, tratava-se de tecnologia ainda precária e, como o país estava em guerra, a infraestrutura de serviços tinha dificuldade para se manter ativa. No meio da transmissão perdia a linha, a comunicação caía. Significava que lá nas redações os editores recebiam textos pela metade, incompletos, sem sentido. Depois de um tempo chegaram a uma solução simples e óbvia. Como sabiam que a ligação poderia cair, passaram a usar uma técnica ao escrever as notícias: concentravam os fatos principais logo no começo, deixando os detalhes e os complementos secundários para o final. (LIMA, 2014, p. 35-36).

Então, a partir daquele momento concluiu-se que todo fato deveria responder a essas cinco perguntas: o que, quem, onde, quando e por quê. Simplificando e garantindo as informações básicas e deixando as demais para um segundo momento no texto. Essas perguntas ganharam a denominação de lide que vem de *leade*. Lima (2014) explica que *lead* significa liderar e o que lidera sempre vai na frente.

Essa resolução resolveu os problemas de comunicação durante a Guerra Civil Americana²² e é utilizada até hoje em todos os veículos de comunicação do mundo. E, ainda ganhou a simpatia dos leitores americanos e dos imigrantes que pouco falavam inglês, mas sabiam o suficiente para entender o que estava escrito nos impressos. Esse tipo de resumo garantia que a população tivesse o básico da notícia.

Depois a preocupação foi direcionada a filtragem e hierarquia das informações que seriam divulgadas na grande mídia. As questões norteadoras eram: o que comunicar com prioridade e o que ganharia destaque entre as notícias no jornal.

Os valores/notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas: a. às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; b. à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; c. ao público; d. à concorrência. A primeira categoria de considerações diz respeito ao acontecimento a transformar em notícia; a segunda, diz respeito

²² Conflito armado travado entre os estados do Sul e do Norte dos Estados Unidos. O conflito começou em 12 de abril de 1861 e só teve fim em 22 de junho de 1865. A guerra aconteceu após o clima de tensão gerado pelas eleições de 1860, que elegeram o presidente Abraham Lincoln. <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-americana.htm>.

ao conjunto dos processos de produção e realização; a terceira, diz respeito à imagem que os jornalistas têm acerca dos destinatários e a última diz respeito às relações entre os *mass media* existentes no mercado informativo. (WOLF, 1995, p. 179-180).

Ainda, de acordo com Wolf (1995), todos os dias nos deparamos com uma infinidade de acontecimentos que poderiam virar notícia. Para escolher quais as que serão publicadas, as redações elegem critérios de noticiabilidade, operações e instrumentos, os quais são constituídos de requisitos, do ponto de vista dos meios de comunicação e do jornalista, para que as notícias adquiram a existência pública.

Por outro lado, os critérios devem ser flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; além disso, devem ser relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis. (GANS, 1979 *apud* WOLF, 1995, p. 176).

Os doze valores-notícia estão assim elencados segundo Galtung e Ruge (1965, 1993 *apud* Traquina, 2008): frequência/duração do acontecimento, amplitude do evento, clareza ou falta de ambiguidade, significância, consonância (inserir o novo numa velha ideia que corresponda ao que se espera que aconteça), inesperado, continuidade do que já ganhou noticiabilidade anteriormente, composição e equilíbrio entre assuntos distintos, referência a nações da elite, referência a pessoas da elite (ator do acontecimento), personalização dos envolvidos e negatividade.

Quanto mais valores-notícia tiver um fato/acontecimento, mais noticiável ele será. Porém, isso não é uma regra radical. São norteadores que ajudam a definir o grau de importância daquela notícia. O fato pode ter vários valores-notícia, mas isso não quer dizer que ele terá prioridade sobre os demais acontecimentos.

2.3 ESTRUTURA DOS TEXTOS TELEVISIVOS

Na televisão, principalmente nos telejornais, os textos são elaborados para serem ouvidos pelo telespectador e lidos pelo apresentador ou repórter, de acordo com Paternostro (2006).

O texto falado na TV não permite que se retorne ao início para relê-lo até que se compreenda o que diz a notícia, como fazemos com o jornal impresso. Porém, na televisão a imagem está em constante movimento, acompanhando o texto falado, ajudando na compreensão do que se quer informar, ao contrário do impresso, onde a imagem é estática e permite a releitura.

Para Paternostro (2006, p.75) “se a televisão se impõe pela informação visual, ela prende a atenção do telespectador pela informação sonora. São as características próprias de sua natureza como meio de comunicação”. Portanto, a sonoridade das palavras usadas na elaboração do texto ocupa um espaço relevante na transmissão da mensagem.

Para que esse processo tenha êxito ao comunicar, ainda de acordo com a autora citada, o jornalista deve, usar uma linguagem coloquial correta e, logo depois de finalizar o texto, lê-lo em voz alta para verificar possíveis cacofonias²³, clichês²⁴ e rimas, assim como a possibilidade de trocar algumas palavras por sinônimos, a fim de evitar problemas de entendimento da mensagem.

A linguagem do cotidiano muda muito de região para região – são os regionalismos incorporados ao linguajar do povo brasileiro. [...] é muito importante levar em consideração o tamanho do país em que vivemos e os diferentes graus de entendimento que uma mesma mensagem pode ter. Nem sempre o que é claro para a população do sul do país, é claro para a população do nordeste. (PATERNOSTRO, 2006, p. 101).

Além dessa preocupação de conseguir comunicar de norte a sul do país, o texto não tem que descrever o que a imagem mostra, pelo contrário, ele precisa dizer aquilo que a imagem não consegue transmitir, de uma forma clara, simples, natural e impactante. Ele tem que passar informação e não deve legendar o que está sendo mostrado na TV. Para que texto e imagem trabalhem juntos, é necessário que o repórter tenha conhecimento prévio das imagens captadas para depois redigir a matéria ou reportagem. Caso não tenha todas as imagens necessárias para contar a narrativa, outras precisarão ser produzidas.

²³Vício de linguagem em que ocorre a formação de um som desagradável ao ouvido quando uma expressão é construída pelas sílabas finais de uma palavra com as iniciais de outra. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/cacofonia>.

²⁴Origem francesa e designa qualquer ideia ou expressão que se repetiu de tal forma que se tornou banal, perdeu a sua originalidade e importância. <https://www.lexico.pt/cliche/>.

É diferente do rádio, onde a imagem inexistente e as palavras precisam descrever cenários e relatar o que é mais relevante para informar o ouvinte. “Em relação aos concorrentes de rádio e jornal, o texto de televisão tem o apoio da imagem, que deve trabalhar como complementação da informação” (RECH, 2018, p. 159). Imagem e áudio se complementam na televisão e não devem competir entre si.

Paternostro (2006) destaca que para responder às questões do *lead*, o texto precisa ser bem escrito, com palavras precisas, sem ser redundante e que contenha informações fundamentais para contar o factual, sem esquecer da emoção.

Se as palavras – tanto no *off* quanto na passagem de um repórter ou mesmo em um *lead* ou em uma nota ao vivo - são desconhecidas, complexas, eruditas, ambíguas, fracas, confusas ou específicas, o telespectador as despreza e passa a se fixar na imagem. (PATERNOSTRO, 2006, p. 95).

Por isso, a importância de se ter um texto de abertura envolvente, que dê força à narrativa. O leitor precisa ser conquistado já na primeira frase da matéria, seja ela escrita ou falada, do ensaio jornalístico, da coluna narrativa, perfil ou da reportagem contextualizada.

3 JORNALISMO LITERÁRIO

Neste capítulo conceituaremos jornalismo literário e falaremos sobre sua história e principais autores do *New Journalism*, recursos poéticos e humanização nos textos televisivos.

3.1 CONCEITO E HISTÓRIA DO JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário proporciona a subjetividade, detalhamento da cena e gesto do personagem, esses pontos tornam a história mais interessante e entrega o que o jornalismo tradicional não aborda.

O literário consiste no aprofundamento dos fatos para mostrar o que nem todos conseguem perceber, como por exemplo, as problemáticas de uma sociedade, de uma cultura ou de uma determinada região. No jornalismo literário, a narrativa é construída com a descrição dos detalhes envolvendo o ambiente, o local e as pessoas.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13).

Esse detalhamento articulado aguça a curiosidade e desperta o interesse dos leitores e telespectadores, fazendo com que sejam transportados para dentro da notícia. Essa imersão proporciona uma experiência diferenciada, mas não distorcida, sobre o fato. E o papel do jornalista é fazer com que o público permaneça interessado e conectado ao que ele quer veicular, através das informações e técnicas de que dispõe para que isso aconteça.

A prática do jornalismo literário exige o planejamento da matéria, a pesquisa às vezes demorada, a descrição dos personagens e dos lugares, a técnica da entrevista, a construção de um perfil e, sobretudo, o estilo da narrativa, que dependendo do caso, pode ser realista ou romântica, nervosa ou

suave, solene ou irônica, esclarecedora ou misteriosa, além de um texto capaz de sustentar a grande reportagem. (FLOSI, 2012, p. 12).

No final do século XIX, o jornalismo ainda não era um meio de comunicação de massa e o que predominava era o literário. O consumo dos jornais era feito por um seletivo grupo de intelectuais, das áreas política e econômica. A grande massa não tinha acesso, pois a linguagem utilizada era pouco compreendida e a tiragem pequena. Pensando nisso, os Estados Unidos abandonaram esse perfil literário fazendo textos mais diretos, simples, sem adjetivos, buscando um jornalismo comercial, com anunciantes em suas páginas.

Ninguém criou o jornalismo literário, que não seguia uma fórmula nem era um movimento com normas definidas. Ele surgiu espontaneamente e ao mesmo tempo em vários lugares, como São Paulo e Nova York, onde ficou conhecido por *new journalism* (novo jornalismo). Fazíamos literatura dentro do jornalismo, mas sem ficção. (FLOSI, 2012, p. 10).

Na França, ao contrário dos Estados Unidos, os autores literários publicavam pequenos trechos de romances nos folhetins, no espaço que era destinado a publicações diversas, deixando a melhor parte da história para a edição seguinte, fazendo com que os leitores comprassem o próximo exemplar com o desenrolar da história. A literatura convergia bem com o jornalismo e gerava lucros para o jornalismo francês. O Brasil buscava se inspirar nessa cultura jornalística francesa, no século XIX. De acordo com Nascimento (2009), nessa época o jornalismo brasileiro estava vinculado às produções literárias, principalmente com a publicação dos folhetins.

No século XX, o *New Journalism* surgiu como uma prática textual adotada pela imprensa escrita (revista e jornal) americana, nas reportagens especiais, causando agitação e abalando o epicentro do jornalismo mundial, de acordo com Bulhões (2007). O movimento *New Journalism* potencializou o jornalismo literário e teve vários adeptos, entre eles, Gay Talese²⁵, Tom Wolfe²⁶, Jimmy Breslin²⁷, Joan

²⁵ Graduado em jornalismo pela Universidade do Alabama em 1953, escreveu para o jornal *The New York Times* e para a revista *Esquire* na década de 1960. Naquele período, contribuiu para a criação do jornalismo literário, dentro do *New Journalism*, movimento que incorpora ao jornalismo características da literatura. Escreveu o polêmico livro "*The Voyer Motel*", que virou um documentário chamado "*Voyer*" produzido pela *NetFlix* e lançado em 2017. https://pt.wikipedia.org/wiki/Gay_Talese.

²⁶ Jornalista e escritor norte-americano, conhecido por seu estilo irônico. Nos EUA, é considerado um dos fundadores do *New Journalism*, movimento jornalístico das décadas de 1960 e 1970. https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom_Wolfe.

Didion²⁸, Truman Capote²⁹, Norman Mailer³⁰ e na América do Sul, Gabriel García Márquez³¹.

Em 1960, nos Estados Unidos, os jornalistas estavam insatisfeitos com as regras impostas em relação à objetividade no texto jornalístico, com o uso do *lead*. De acordo com Pena (2011), além dessa clara insatisfação dos profissionais da imprensa, ele destaca a reação de Tom Wolfe diante dessa inquietação e direciona seus ataques contra o colunista Walter Lippmann³², pelo seu estilo pasteurizado³³ de texto. O *New Journalism* americano, para Wolfe (2005), serve justamente para trazer o subjetivo e valorizar o lado estético nos textos, através de quatro recursos básicos: reconstruir cada cena, registrar os diálogos na sua totalidade, descrever hábitos e características dos personagens, assim como suas subjetividades.

'Literatura de Realidade', que é sinônimo de Jornalismo Literário e Literatura de Não-Ficção. Aplica-se à prática da narrativa sobre temas reais, empregando reportagem – o ato de relatar ocorrências sociais – sob um conceito espaço temporal e de método mais amplo do que nos periódicos. Praticada por jornalistas, escritores, historiadores e cientistas sociais. (PENA, 2006, p. 106).

Para que um jornalista literário consiga aprofundar uma grande reportagem, ele precisa de tempo e recursos, como diz Flosi (2012). Tempo para conhecer

²⁷ Jornalista e autor americano, escreveu uma coluna para a edição de domingo do *New York Daily News*. Escreveu vários romances, e suas colunas apareciam regularmente em vários jornais em sua cidade natal, *New York*. https://en.wikipedia.org/wiki/Jimmy_Breslin.

²⁸ Escritora americana cujos trabalhos como jornalista, ensaísta e romancista a tornaram reconhecida tanto nos Estados Unidos quanto em outros países para os quais ela foi traduzida. Ela colaborou no *The New York Review of Books* e na revista *The New Yorker*. Seu livro mais famoso é intitulado "*The Year of Magical Thinking*", publicado em 4 de outubro de 2005 nos Estados Unidos e, em 2006, no Brasil. O livro trata do ano seguinte a morte de seu marido, enquanto sua filha, Quintana, passava por um grave estado de saúde. Em novembro de 2005, o livro ganhou o prêmio para a categoria de não-ficção no *National Book Award*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Joan_Didion.

²⁹ Escritor de vários contos, romances e peças teatrais, reconhecidas como clássicos literários, incluindo a novela *Bonequinha de Luxo* (1958). Também foi roteirista e dramaturgo norte-americano e pioneiro do jornalismo literário com o livro "*A Sangue Frio*" (1966), classificado por ele como um romance de não-ficção. https://pt.wikipedia.org/wiki/Truman_Capote.

³⁰ Foi um escritor e jornalista estadunidense, premiado duas vezes com o Prêmio Pulitzer. Mailer é considerado um dos pais da não-ficção criativa, também chamado de Novo Jornalismo. https://pt.wikipedia.org/wiki/Norman_Mailer.

³¹ Considerado um dos autores mais importantes do século XX, foi um dos escritores mais admirados e traduzidos no mundo, com mais de 40 milhões de livros vendidos em 36 idiomas. Foi laureado com o Prêmio Internacional *Neustadt* de Literatura em 1972, e o Nobel de Literatura de 1982 pelo conjunto de sua obra que, entre outros livros, inclui o aclamado "*Cem Anos de Solidão*". Foi o maior representante do realismo mágico na literatura latino-americana. https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_Garc%C3%ADa_M%C3%A1rquez.

³² Escritor, jornalista e comentarista político estadunidense, famoso por ser um dos primeiros a introduzir o conceito de Guerra Fria. Lippmann ganhou dois Prêmios *Pulitzer*, um para sua coluna de jornal "*Today and Tomorrow*" e um para sua entrevista de *Nikita Khrushchev*, em 1961. https://pt.wikipedia.org/wiki/Walter_Lippmann.

³³ Estilo pasteurizado é asséptico, que constitui o ideal dos manuais contemporâneos de redação. No formato clássico: quem, o que, como, quando, onde, por que, para que e nada mais. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0907200116.htm>.

melhor cada personagem, realizar entrevistas sucessivas até captar cada detalhe. Seja do ambiente, dos costumes, cultura, cheiros e expressões corporais e faciais. O bom jornalista atribui significado a cada informação coletada, de modo que o leitor ou telespectador possa ressignificar o que foi exposto pelo repórter.

É caracterizado como uma modalidade de prática de reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) Literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. (PENA, 2006, p. 105).

Esse processo de imersão do repórter aparece de uma forma mais radical no jornalismo Gonzo, dentro do movimento *New Journalism*. Esse movimento foi criado pelo jornalista Hunter S. Thompson³⁴, famoso pelos textos excêntricos e publicados na revista Rolling Stone³⁵.

O Jornalismo Gonzo recebeu esse nome depois que Thompson cobriu, em 1971, a *Mint 400*, uma corrida de motos que aconteceu no deserto de Nevada. Ele e um amigo advogado usavam pseudônimos pois costumavam se colocar em situações de risco. Hunter era conhecido como Raoul Duke, enquanto seu amigo usava o codinome Doutor Gonzo. Por isso, de acordo com Pena (2011), o movimento foi nominado dessa forma em homenagem ao parceiro dele e por se caracterizar pelo envolvimento direto, pessoal e inconsequente do repórter na observação, participação e no levantamento de informações sobre o tema a ser trabalhado.

Além disso, percebe-se muito presente nesse tipo de texto a mescla dos fatos com o imaginário do repórter, que na maioria das vezes torna-se o personagem da narrativa. Ele usa da irreverência, sarcasmo, exagero e a falta de imparcialidade para contar histórias. O Jornalismo Gonzo deixa de existir juntamente com a morte de Thompson.

³⁴Jornalista e escritor norte-americano, conhecido pelo seu estilo de escrita extravagante, foi o criador do Jornalismo Gonzo. A escrita extravagante pode ser encontrada no seu livro mais famoso, *Medo e Delírio em Las Vegas*. https://pt.wikipedia.org/wiki/Hunter_S._Thompson.

³⁵Revista mensal sediada nos Estados Unidos dedicada à música, política, e cultura popular. https://pt.wikipedia.org/wiki/Rolling_Stone.

Surge então o *New New Journalism*. De acordo com Pena (2011), ele tem como principais características o tom informal, declaratório, a exploração das situações do cotidiano e suas subculturas, sem a preocupação com a estilística para uma aproximação com a atmosfera retratada. Gay Talese e John McPhee³⁶, líderes da atual geração, integram esse novo movimento ativista e questionador. Talese busca se diferenciar de Tom Wolfe, enquanto McPhee se torna o guru de jovens escritores. Dentro do *New New Journalism*, a identificação entre seus integrantes se dá pelas estratégias de apuração.

O jornalismo literário, do final do século XX até o momento, passou por diversas mudanças e esteve vinculado, no Brasil, a alguns jornalistas, como José Hamilton Ribeiro³⁷, famoso por cobrir a Guerra do Vietnã³⁸, em tom testemunhal, para a Revista Realidade³⁹ e, atualmente a jornalista e escritora Eliane Brum⁴⁰, que tem entre os livros publicados “O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real”.

Hoje, o jornalismo literário continua com o mesmo objetivo de quando surgiu: trazer à tona detalhes, personagens e histórias que não podem ser contadas através do jornalismo tradicional. Para isso, “usa adereços literários para aprofundar a

³⁶Escritor americano, é considerado um dos pioneiros da não-ficção criativa. Foi quatro vezes finalista do Prêmio Pulitzer na categoria Não-ficção Geral, e ganhou esse prêmio na quarta ocasião em 1999 por *Annals of the Former World*. Em 2008, ele recebeu o *George Polk Career Award* por sua “marca indelével no jornalismo americano durante sua carreira de quase meio século”. Produziu um estilo de escrita mais suave e literário que incorporou de forma mais completa as técnicas da ficção. McPhee evitou os fluxos de estilos de consciência de Wolfe e Thompson, mas usou descrição detalhada de personagens e linguagem vívida para tornar sua escrita viva e pessoal, mesmo quando focada em tópicos obscuros ou difíceis. https://en.wikipedia.org/wiki/John_McPhee.

³⁷Jornalista e escritor, é autor de quinze livros derivados de suas reportagens, sendo o primeiro, “O Gosto da Guerra”, em função da reportagem sobre a Guerra do Vietnã, que fez para a revista Realidade em 1968, ocasião em que perdeu uma perna ao pisar numa mina terrestre. Entre as redações por onde passou, estão as revistas Realidade e Quatro Rodas, Jornal Folha de S. Paulo e dos programas Globo Repórter, Fantástico e Globo Rural, de onde foi repórter e editor. Ele deixou a emissora em novembro de 2021. https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Hamilton_Ribeiro.

³⁸A guerra aconteceu entre 1959 e 1975 e foi um conflito entre os dois governos estabelecidos que lutavam pela unificação do país sob sua liderança. Após anos de guerra, acredita-se que de 1,5 milhão a 3 milhões de pessoas tenham morrido no Vietnã. https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Vietn%C3%A3.

³⁹Revista brasileira lançada pela Editora Abril em abril de 1966, que circulou até março de 1976. Apresentava características inovadoras para a época, com matérias em primeira pessoa, fotos que deixavam perceber a existência do fotógrafo e design gráfico pouco tradicional. Destacou-se também por suas grandes reportagens, permitindo que o repórter ‘vivesse’ a matéria por um mês ou mais, até a publicação. Foi inspirada nas revistas *Life*, *Look* e *Paris Match*, mas com uma pauta mais revolucionária do que elas. A proposta de publicação que valorizava as grandes reportagens foi elaborada pelo diretor editorial Roberto Civita. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Realidade_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Realidade_(revista)).

⁴⁰Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, Eliane Brum é jornalista formada pela PUCRS, escritora e documentarista. Publicou oito livros no Brasil – sete de não ficção e um romance. Jornalista mais premiada do Brasil, segundo levantamento anual feito pelo site especializado Jornalistas & Cia. Desde 2018, mantém também uma coluna quinzenal na editoria de Internacional do jornal El País, na Espanha. <http://elianebrum.com/biografia/>.

abordagem sobre fatos reais” (PENA, 2006, p. 103). O literário ainda é uma das melhores formas de mostrar uma realidade social que por vezes é esquecida pela mídia tradicional.

3.2 RECURSOS POÉTICOS

O jornalista precisa saber escrever bem para que seu texto seja recebido e entendido de maneira correta pelo leitor, telespectador e ouvinte. Dentro do jornalismo literário é comum o uso de metáforas e de outros artifícios para elaborar um texto esteticamente mais bonito e interessante. “O jornalismo literário trabalha com artifícios literários porque tem o compromisso de desvendar as teias dos acontecimentos” (LIMA, 2014, p. 22). Esse tipo de texto facilita o aprendizado e melhora o conhecimento do leitor sobre algo que até então desconhecia.

A narrativa necessita ter um fio-condutor que faça essa ligação entre todas as partes: história, personagem e autor e que esteja estruturada de forma eficiente, intensa e atraente, de acordo com Lima (2014). O público busca uma narrativa, que faça sentido e com a qual se identifique.

Uma ferramenta muito usada é o símbolo do *status* de vida. São detalhamentos sobre os personagens, cenários, costumes, mobiliários, roupas e ambiente, que traduzirão o momento vivido. Outro símbolo recorrente é a metáfora. Com ela é possível representar uma determinada coisa por outra e essa aproximação se dá pela analogia, pelo que tem em comum, como diz Lima (2014). Além disso, no jornalismo literário encontramos também a qualidade técnica, no uso correto das palavras para que tenham uma sonoridade fluída, lírica e poética. A mistura de todas elas nos dá um texto informativo, interessante e agradável de ler e ouvir.

Neste tipo de narrativa, o autor não inventa nada. Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentá-los ao leitor. Trata-se do cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter o foco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais. (PENA, 2006, p. 102).

Por isso, a reportagem especial é tão presente no jornalismo literário. “A grande reportagem exige diagramação competente e deve conter atrativos como mistério, suspense, calor humano e outros elementos que só um texto criativo será capaz de explorar” (FLOSI, 2012, p. 11).

Qualquer que seja o recurso utilizado, buscar o próprio estilo de redação é um exercício primordial para uma escrita mais criativa e mais prazerosa, que vá além de padronizações e seja capaz de exprimir, em palavras e em arranjos inovadores, toda a riqueza da linguagem, aliada à identidade e à personalidade do falante. (NASCIMENTO, 2009, P. 107).

Ou seja, para conquistar o leitor, a distribuição dos elementos na página tem grande importância, assim como o estilo do texto escrito pelo jornalista. E na televisão não é diferente. O telespectador normalmente tem somente uma oportunidade para ver, ouvir e assimilar aquela informação.

Escrever para um telejornal é diferente de escrever para um jornal – é muito mais parecido com o mecanismo que você utiliza instintivamente para contar alguma coisa a alguém. Os melhores textos de telejornalismo são os que se apropriam desse mecanismo. O problema é que escrever como se fala não é nada instintivo. Não somos treinados para isso. Não é assim que aprendemos na escola, na faculdade e, mesmo, nas redações de jornal. Mas essa é a maneira mais indicada de aproximar um texto do universo do espectador. Escrever textos parecidos com o falar das pessoas de maneira sintética e clara. Eis a forma ideal do jornalismo. (BONNER, 2009, p. 235).

Portanto, levar o texto televisivo para a realidade cotidiana do espectador, torna o processo comunicacional mais simples e seguro. Ou seja, frases mais curtas podem ter um efeito impactante no público, facilitando a aproximação das duas pontas do fio-condutor da comunicação.

3.3 A HUMANIZAÇÃO NOS TEXTOS TELEVISIVOS

A humanização nos textos televisivos acontece quando o jornalista dá voz aos personagens, de forma com que se tornem conhecidos, assim como suas narrativas, através de uma escrita envolvente, instigante e ao mesmo tempo jornalística.

Para escrever um bom texto é preciso ser um bom leitor. A leitura aprimora o estilo. Para apurar bem os fatos, os requisitos são outros, como espírito observador, raciocínio lógico, percepção aguçada e até uma considerável dose de desconfiança e esperteza. (FLOSI, 2012, p. 50).

Percebe-se que a rotina de leitura está ligada diretamente à uma boa produção textual jornalística. Após apurar os fatos, o jornalista literário humaniza a história ao transformar números em personagens reais, acrescentando detalhes aos seus textos.

O nosso texto deve conter detalhes que revelem que você prestou atenção ao que o entrevistado disse, mas também como ele disse. As circunstâncias de uma entrevista, o tom e a expressão facial, podem, muitas vezes, informar mais do que a própria fala. (PATERNOSTRO, 2006, p. 183).

O jornalista literário deve encontrar um estilo próprio para sua narrativa, além disso deve conseguir unir imagem, informação e emoção no texto televisivo. De acordo com Paternostro (2006), ao alcançar esse objetivo, o profissional se diferenciará daquele que faz o jornalismo tradicional na televisão.

No telejornalismo o texto é para ser falado e o efeito sonoro que ele provoca no telespectador tem grande relevância juntamente com o apelo visual. É uma provocação sensorial, de acordo com Rech (2018).

Ao ritmo da melodia, se dança. Ao ritmo do texto, o telespectador capta a mensagem, apreende a informação. O ritmo favorece a concentração de quem está assistindo à TV. Não deve ser contundente ou agressivo; mas também não deve ser monótono ou triste. (PATERNOSTRO, 2006, p. 81).

Mesmo que os leitores, ouvintes e telespectadores anseiem por um texto literário em que os autores iniciem com alguma frase de impacto, cabe ao repórter saber o limite que a sua narrativa deve ter, agindo com ética e educação, sem esquecer da sensibilidade para captar as informações, da compreensão com os personagens e tolerância com suas dificuldades, tratando todos com respeito e educação. Como afirma Flosi (2012), o jornalista pode ser ousado, amável, agressivo, mas respeitando os limites da lei e da ética. Então, se colocar no lugar do leitor, telespectador ou ouvinte, aproxima e humaniza o processo comunicacional.

4 HISTÓRICOS E REPORTAGENS ESPECIAIS

Este capítulo abordará a história do Jornal Nacional, da Rede Globo, e a do jornalista Marcelo Canellas, desde sua juventude até a estreia na televisão. Assim como, a produção de reportagens especiais para o telejornal e, em especial, a série "Fome no Brasil", veiculada em junho de 2001.

4.1 HISTÓRIA DO JORNAL NACIONAL E A PRODUÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS

Nesse ano, em setembro, o Jornal Nacional (JN) completará 53 anos. Desde 1969 o telejornal leva informação a um número cada vez maior de telespectadores, através de notícias, coberturas nacionais e internacionais e reportagens especiais, durante os 45 minutos de duração.

Fundada pelos irmãos Marinho, Roberto⁴¹, Ricardo⁴² e Rogério⁴³, a TV Globo foi pioneira na exibição de um telejornal em rede nacional aqui no Brasil. O JN estreou com os apresentadores Hilton Gomes⁴⁴ e Cid Moreira⁴⁵, para competir com

⁴¹ Jornalista e empresário brasileiro. Herdeiro de Irineu Marinho, foi proprietário do Grupo Globo de 1925 a 2003 e um dos homens mais poderosos e influentes do país no século XX. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/roberto-marinho/noticia/roberto-marinho.ghtml>.

⁴² Quarto filho de Irineu Marinho, ele começou a trabalhar no Globo ainda em 1933, aos 22 anos, passou por várias funções no jornal O Globo. Começou como repórter, responsável por cobrir a Câmara Federal e o Itamaraty. Também foi redator, copidesque e chegou a diretor-secretário. <https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/biografia/pais-e-irmaos/noticia/ricardo-marinho.ghtml>.

⁴³ O filho mais novo de Irineu Marinho nasceu em 1919, 15 anos após Roberto Marinho. Como o irmão mais velho, trabalhou toda a vida no Globo, onde iniciou em 1938. Suas primeiras funções foram na seção de esportes. Ainda em 1938, criou os famosos bonequinhos da crítica de cinema. <https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/biografia/pais-e-irmaos/noticia/rogerio-marinho.ghtml>.

⁴⁴ Das narrações famosas, o jornalista se destacou no primeiro pouso do homem à lua, com a Apollo 11, em 1969. Em 1º de setembro de 1969, foi o primeiro apresentador do Jornal Nacional, ao lado de Cid Moreira. Foi também narrador de futebol e dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro na década de 70 e 80. Nos programas de auditório, em que atuava como apresentador, fez sucesso em "Oh, Que Delícia de Show". <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/hilton-gomes/noticia/hilton-gomes.ghtml>.

⁴⁵ Jornalista, locutor e apresentador brasileiro em atividade desde 1947. É famoso por sua voz grave e singular. Ocupou a bancada do Jornal Nacional por 27 anos, desde o dia da estreia do telejornal, em setembro de 1969. Foi também locutor de reportagens especiais do Fantástico. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/cid-moreira/noticia/cid-moreira.ghtml>.

“O Seu Repórter Esso”⁴⁶ da TV Tupi. Pautado pela credibilidade, isenção e ética, o Jornal Nacional tornou-se líder de audiência no horário nobre (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

O jornalista Armando Nogueira⁴⁷, criador do JN, sabia da importância do programa para a família brasileira, que se reunia na sala de casa, em frente à tela, para absorver as notícias e formar sua própria opinião. Naquele momento a televisão aproximava as pessoas e a palavra e imagem passaram a ter a mesma importância dentro do telejornal, ao contrário do rádio, onde a voz era o principal canal de comunicação (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Na época da estreia, existiam complicações técnicas pois os equipamentos de gravação eram pesados e não registravam o som ambiente, o que dificultava a produção de matérias externas. Aos poucos os equipamentos foram se modernizando, já captavam áudio e o jornalista podia aparecer durante as reportagens. No estúdio, de acordo com Memória Globo (2004), ocorreu uma transição de equipamentos valvulares para os eletrônicos e os apresentadores tinham que ler os textos mimeografados e alternar os olhares entre papel e câmera. Ainda não existia o *teleprompter*⁴⁸ e a imagem era em preto e branco.

Além disso, a preocupação com a construção dos textos das reportagens que eram exibidas no telejornal era constante. O uso de frases curtas, simples, de fácil entendimento e com um tom coloquial era fundamental para que os apresentadores pudessem se revezar na leitura das notícias. Armando Nogueira (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 62) afirma que “apesar de, nos primeiros anos, ter buscado enfatizar a importância da imagem para a informação, resolvi fazer uma campanha pela valorização da palavra”.

⁴⁶ Foi um noticiário histórico do rádio e da televisão brasileira e seguia a versão americana do programa chamado de "Your Esso Reporter". Foi o primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil que não se limitava a ler as notícias recortadas dos jornais, pois as matérias eram enviadas por uma agência internacional de notícias sob o controle dos Estados Unidos. https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%B3rter_Esso.

⁴⁷ Foi jornalista e cronista esportivo, pioneiro do telejornalismo. Responsável pela implantação do jornalismo na Rede Globo, com destaque para a criação do Jornal Nacional. https://pt.wikipedia.org/wiki/Armando_Nogueira.

⁴⁸ É um equipamento construído para projetar textos em um monitor com a principal função de auxiliar apresentadores e profissionais que trabalham frente às câmeras a conduzirem suas falas de forma mais simples e dinâmica. <https://www.crosshost.com.br/transmissao-ao-vivo/teleprompter-o-que-e-como-utilizar-corretamente/>.

O texto verbal é tão essencial como as imagens, porque, muitas vezes, é ele que contém a verdadeira notícia, enquanto as imagens acompanham e ilustram as palavras [...]. Além disso, as notícias faladas são uma parte intrínseca do noticiário. Fornecem as informações que não podem ser acompanhadas por imagens e actualizam, e completam as notícias contidas num serviço filmado. De facto, muitas vezes, escolhem-se as imagens por se adaptarem à notícia falada, tornando-se assim uma espécie de apêndice desta [...]. É indubitável que a informação televisiva é dominada pelas imagens filmadas, mas estas são escolhidas depois de terem sido aplicados os critérios substantivos. Imagens emocionantes não podem ser utilizadas, se a notícia a que dão uma correspondência visual não for importante. (GANS, 1979 *apud* WOLF, 1995, p. 189).

Em 1971, o JN começou a usar o *teleprompter*, facilitando a aproximação entre apresentador e telespectador. Pois, ao direcionar o olhar o tempo todo para a tela, esse ato reforçava a ideia de ele fazer parte da vida cotidiana do telespectador, como se estivesse conversando com ele na sala de casa.

Como alguns jornalistas estavam trivializando o português, em 1975, Armando Nogueira decidiu criar um manual com algumas normas da língua portuguesa, referentes à redação e estilo, guia esse que foi reformulado e atualizado na década seguinte. Com relação às notícias, a principal preocupação era de que deveriam ser de interesse nacional, interesse de todos e não regional. Então, foi necessário criar um guia criterioso para seleção e hierarquização das notícias.

Na selecção dos acontecimentos a transformar em notícias, os critérios de relevância funcionam conjuntamente, 'em pacotes': são as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores/notícia, que 'recomendam' a selecção de um facto. (WOLF, 1995, p. 175).

Em constante aperfeiçoamento para aumentar a qualidade do material que era exibido pelo JN, o colorido nas reportagens foi adotado a partir de 1973. Mas, com essa decisão veio um dilema: qual sistema seria o mais adequado à transmissão no Brasil, o alemão PAL (*Phase Alternative Line*)⁴⁹, o norte-americano NTSC (*National Television System Comittee*)⁵⁰ ou o francês SECAM (*Sequentiellen*

⁴⁹ O sistema PAL possui características muito determinantes, como uma imagem de altíssima qualidade, totalizando 625 linhas de resolução. Se comparado ao sistema NTSC, são 100 linhas a mais no sistema PAL e, portanto, este tem qualidade maior em suas imagens. O ciclo de execução é de 50Hz, o que significa que são executados 50 ciclos a cada segundo, o mesmo que o NTSC. <https://blog.elsys.com.br/qual-a-diferenca-entre-pal-e-ntsc/>.

⁵⁰ O NTSC é um sistema completo e muito eficiente, capaz de reproduzir em uma televisão mais de 16 milhões de cores distintas. O NTSC não é compatível com computadores, pois computadores usam placas em sistema RGB (Red, Green and Blue) para formar suas imagens. Para tanto, é preciso usar conversores. <https://blog.elsys.com.br/qual-a-diferenca-entre-pal-e-ntsc/>.

Couleurs avec Mémoire)⁵¹. De acordo com a Memória Globo (2004), o sistema escolhido foi o PAL-M, uma adaptação do sistema PAL.

O JN está disponível a todos os brasileiros com acesso à energia elétrica e a uma televisão diante dos olhos. Esse cidadão poderá viver no campo, em local ermo, onde o sinal terrestre de TV não alcance sua antena. Ainda assim, uma parabólica será capaz de capturar o Jornal Nacional diretamente do satélite. (BONNER, 2009, p. 14 e 15).

Na década de 80, veio o primeiro prêmio para o telejornalismo da emissora. O Jornal Nacional ganhou o “Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos”, concedido pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, pela cobertura da rebelião no presídio de Jacareí, em São Paulo.

Depois do prêmio, veio a censura com o Atentado do Riocentro, onde uma bomba explodiu dentro de um automóvel Puma, matando dois militares, durante um espetáculo musical em comemoração ao Dia do Trabalho. Diversos militares estavam distribuídos pelo prédio da Rede Globo. A quantidade deles e da censura era proporcional à audiência dos telejornais. As outras emissoras lideravam na divulgação de notícias.

Em 1996, Caco Barcellos retomou o caso Riocentro numa reportagem especial exibida no Globo Repórter. De acordo com a Memória Globo (2004), foram ouvidas mais de 50 pessoas, o que levou à descoberta de uma farsa dos órgãos de segurança do regime militar.

A reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. [...] constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões. (BULHÕES, 2006, P. 45).

Outras coberturas relevantes para o país foram a visita do Papa ao Brasil e as eleições em 82. Depois veio a cobertura da seca no nordeste e a enchente no sul do Brasil. Ainda na década de 80, o JN passou a dedicar, aos sábados, um quadro para falar sobre esportes.

Nas coberturas internacionais, a Globo contava com correspondentes distribuídos em seis escritórios: dois nos Estados Unidos (*Washington* e *New York*),

⁵¹ Sistema eletrônico de cor com memória é um sistema de cor analógico usado pela primeira vez na França, criado pelo engenheiro elétrico Henri de France. Foi um dos três principais padrões de televisão analógica em cores. <https://pt.wikipedia.org/wiki/SECAM>.

três na Europa (Londres, Paris e Colônia) e um na América Latina (Buenos Aires), que realizou a cobertura da Guerra das Malvinas⁵², juntamente com mais 46 profissionais enviados pela Globo. Pouco tempo depois a emissora decidiu cortar dois escritórios da Europa, ficando apenas com o de Londres, que fez a cobertura da Guerra Irã-Iraque⁵³ e o anúncio do fim da guerra foi ao ar em 1988 no Fantástico⁵⁴, Memória Globo (2004).

Aos poucos o telejornal ia sendo reformulado, assim como sua identidade visual. Hans Donner⁵⁵ passou a criar cenários e vinhetas para o JN, deixando-o cada vez mais moderno e com cenário multifuncional. Para comemorar os 15 anos do JN, a Globo preparou matérias especiais que eram apresentadas no próprio telejornal, pelos jornalistas Celso Freitas⁵⁶ e Cid Moreira.

A eleição indireta e a morte de Tancredo Neves tomaram conta dos noticiários, assim como do JN. Foram 39 dias de uma cobertura angustiante. Mas, a notícia sobre o falecimento dele foi veiculada no domingo, dia 21 de abril, durante o Fantástico.

Em 1987, durante um ano e oito meses, a Rede Globo acompanhou a Assembleia Nacional Constituinte⁵⁷ em Brasília. Nesse período, o maior desafio era passar para o telespectador, de forma simples e elucidativa, o que estava sendo

⁵²Conflito armado entre a Argentina e o Reino Unido ocorrido nas Ilhas Malvinas, Geórgia do Sul e as ilhas *Sandwich* do Sul entre os dias 2 de abril e 14 de junho de 1982 pela soberania sobre estes arquipélagos austrais reivindicados em 1833 e dominados a partir de então pelo Reino Unido. https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_das_Malvinas.

⁵³Conflito militar travado entre o Irã e o Iraque, resultado de disputas políticas e territoriais entre ambos os países. A guerra começou quando os iraquianos invadiram o território iraniano em 22 de setembro de 1980. https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Ir%C3%A3-Iraque.

⁵⁴Programa dominical em formato de revista eletrônica, exibido aos domingos de noite. Foi criado em 1973 e até hoje reúne jornalismo e entretenimento para levar até o telespectador os assuntos relevantes no Brasil e no mundo. <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/>.

⁵⁵Designer teuto-brasileiro de cidadania austríaca. Donner foi o responsável pelas vinhetas e peças de abertura da Globo e de muitos dos programas da Rede Globo. Após carreira na TV Globo, passou a ter um escritório de arquitetura. Em 2021, após trabalhar 40 anos na Rede Globo, Hans estreou-se como arquiteto imobiliário. https://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Donner.

⁵⁶Jornalista iniciou a carreira no JN na década de 1970, fazendo reportagens locais. Em 1983 substituiu Sérgio Chapelin na bancada do JN juntamente com Cid Moreira até 1989, quando Sérgio volta ao JN e Celso passa a apresentar o Fantástico e o Globo Repórter, este último já apresentado temporariamente por ele várias vezes. Atualmente ele trabalha na Record. https://pt.wikipedia.org/wiki/Celso_Freitas.

⁵⁷Instalada no Congresso Nacional, em 1º de fevereiro de 1987, resultante da Emenda Constitucional nº 26, de 1985, com a finalidade de elaborar uma Constituição democrática para o Brasil, após 21 anos sob regime militar. Sua convocação foi resultado do compromisso firmado durante a campanha presidencial de Tancredo Neves (1910-1985), primeiro presidente civil eleito, pelo voto indireto, após a ditadura. https://pt.wikipedia.org/wiki/Assembleia_Nacional_Constituinte_de_1987.

decidido na política para a nova Constituição Brasileira e no que ela afetaria a vida dos cidadãos.

O produto informativo parece ser o resultado de uma série de negociações, pragmaticamente orientadas, que têm por objecto o que é publicado, e o modo como é publicado no jornal e o que é transmitido, e o modo como é transmitido, no noticiário ou no telejornal. (WOLF, 1995, p. 173).

Para ilustrar essa citação, em 1989, o JN passou a ter comentários aprofundados através de análises do noticiário, para que o público pudesse entender as informações políticas e econômicas, de uma forma mais simples e mais descontraída. Tanto é que os comentaristas saíram da sobriedade dos estúdios e foram para as ruas. O cenário se alterava a cada participação na edição do programa. Juntaram-se ao Joelson Beting, Paulo Francis e Alexandre Garcia, os jornalistas Paulo Henrique Amorim e Lilian Witte Fibe, profissionais relevantes para o cenário econômico e político brasileiro.

O equilíbrio entre temas factuais e temas da atualidade dá perfis distintos às edições de um telejornal. Num dia repleto de notícias urgentes, o JN adquire um ritmo mais dinâmico, num clima de tensão característico daquela pessoa que tem muita coisa para contar em pouco tempo. Em oposição, num dia em que a massa de notícias diminui, o tempo ocupado pelas reportagens não factuais torna o telejornal mais analítico, mais profundo e menos tenso. (BONNER, 2009, p. 20).

Finalizando o ano de 1989, cobertura das eleições presidenciais. No início de 1990, a posse do novo presidente Fernando Collor de Mello⁵⁸ e, em seguida, ele coloca em prática o Plano Cruzado⁵⁹ com o bloqueio de valores nas contas privadas dos brasileiros. O Jornal Nacional cobriu também, a queda do muro de Berlim e as inúmeras tentativas de unificação da Alemanha Oriental e Ocidental, assim como a Guerra do Golfo⁶⁰.

⁵⁸Mais conhecido como Fernando Collor, é um político brasileiro. Foi o 32º Presidente do Brasil, de 1990 até sua renúncia em 1992. Filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro, é senador por Alagoas desde 2007 e foi presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado de 2017 até 2019. https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Collor.

⁵⁹É um conjunto de medidas econômicas lançado por José Sarney (naquele momento presidente da República) e Dilson Funaro (ministro da Fazenda daquele governo) em 28 de fevereiro de 1986, tendo como base o decreto-lei nº 2.283, de 27 de fevereiro de 1986. https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Cruzado.

⁶⁰Um conflito militar travado entre o Iraque e forças da Coalizão internacional, liderada pelos Estados Unidos e patrocinada pela Organização das Nações Unidas, com a aprovação de seu Conselho de Segurança, através da Resolução 678, autorizando o uso da força militar para alcançar a libertação do *Kuwait*, ocupado e anexado pelas forças armadas iraquianas sob as ordens de Saddam Hussein. https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Golfo.

De acordo com a Memória Globo (2004), nos anos seguintes o JN passou por algumas modificações e inovações ao estreitar o quadro da previsão do tempo com uma jornalista na apresentação. Sandra Annenberg⁶¹ apresentava o quadro diariamente. E a Central Globo de Jornalismo (CGJ) informatizou o jornalismo ao interligar *online* todas as praças, repórteres e editores, dando maior agilidade ao processo jornalístico.

Após esse processo de modernização no telejornal, veio a cobertura da Rio-92, da morte do piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna⁶², do Massacre do Carandiru⁶³ e da Chacina de Vigário Geral⁶⁴. Coberturas difíceis e tristes.

Na política, o *impeachment*⁶⁵ do Collor, gerou manifestações dos carapintadas⁶⁶ no dia 21 de agosto de 92, por todo país. Um dos jornalistas responsáveis pela cobertura da manifestação foi Marcelo Canellas, jornalista cujo trabalho é tema da presente pesquisa. Uma imagem que marcou o momento foi de uma jovem que pintou o rosto do jornalista e a câmera nas cores verde e amarelo. Marcelo agora fazia parte desse movimento como um personagem de um momento marcante da história do Brasil. E, toda vez que se fala sobre essa manifestação é inevitável lembrar desse registro.

⁶¹Jornalista, apresentadora e ex-atriz brasileira. Trabalhou como âncora e editora executiva do Jornal Hoje e do programa Como Será? Atualmente apresenta o Globo Repórter. https://pt.wikipedia.org/wiki/Sandra_Annenberg.

⁶²Piloto brasileiro de Fórmula 1, ele começou sua carreira competindo no kart em 1973 e em "carros de fórmula" em 1981, quando venceu as Fórmulas Ford 1600 e 2000. Transferiu-se para a Williams em 1994, onde disputou apenas três etapas, a última sendo o Grande Prêmio de San Marino, onde se acidentou e acabou falecendo. Sua morte, assim como o funeral e velório, provocou uma das maiores comoções da história do Brasil, bem como repercussão mundial. Foi amplamente considerado o melhor piloto da história da Fórmula 1 e um dos maiores automobilistas de todos os tempos. https://pt.wikipedia.org/wiki/Ayrton_Senna.

⁶³Chacina que ocorreu no Brasil, em 2 de outubro de 1992, quando uma intervenção da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para conter uma rebelião na Casa de Detenção de São Paulo, causou a morte de 111 detentos. https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_do_Carandiru.

⁶⁴Massacre na favela de Vigário Geral, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ocorreu na madrugada do dia 29 de agosto de 1993, quando a favela foi invadida por um grupo de extermínio composto por 36 homens encapuzados e armados, que arrombaram casas e executaram vinte e um moradores. https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacina_de_Vig%C3%A1rio_Geral.

⁶⁵É um processo político-criminal que visa destituir alguém de um cargo governativo em países com modelos de governo presidenciais, por grave delito ou má conduta no exercício de suas funções. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Impeachment>.

⁶⁶Movimento estudantil brasileiro realizado em 1992 que teve, como objetivo principal, o *impeachment* do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caras-pintadas>.

A presença de Canellas na história do JN se fazia cada vez mais presente através de reportagens especiais. Após os caras-pintadas, ele cobriu o Plano Real⁶⁷ com o uso da URV⁶⁸ e a eleição de Fernando Henrique Cardoso⁶⁹ (FHC), em que o jornalista acompanhou a apuração diretamente de Rondônia.

A partir de 1996, o JN começou a exibir reportagens especiais seriadas. A primeira foi “Caminhos do Brasil”, realizada pela jornalista Miriam Leitão⁷⁰ e exibida em junho, quando a jornalista estreou no telejornal. De acordo com o jornalista Carlos Henrique Schroder⁷¹ (MEMÓRIAS GLOBO, 2004, p. 321), “Foi um marco, porque deu mais credibilidade e trouxe um amadurecimento ao telejornalismo, que sempre foi acusado de superficialidade”.

A reportagem especial possibilita o aprofundamento dos temas com uma apuração mais detalhada para que o telespectador receba um conteúdo consistente, com dados e informações jornalísticas, usando uma linguagem mais simples, direta e de fácil compreensão. “A informação jornalística é o espaço privilegiado da reportagem especializada” (LAGE, 2017, p. 113).

No início, o programa tinha a preocupação de fazer a ligação entre o assunto da reportagem especial com o momento em que seria veiculado, como por exemplo a série sobre os professores, exibida em outubro de 2003, mês de comemoração do dia do professor. Paternostro (2006) afirma que cada telejornal tem seu ritmo e estilo e que esses fatores influenciam na edição da matéria que irá ao ar. Além disso, a

⁶⁷Um conjunto de reformas econômicas implementadas no Brasil, em 27 de fevereiro de 1994, no governo de Itamar Franco, com o objetivo de estabilizar a inflação. Foi o 13º plano econômico executado desde 1979, quando se iniciou a crise que levou à hiperinflação. https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Real.

⁶⁸Unidade real de valor, foi a moeda corrente do Brasil a partir de 1º de março de 1994 e ficou em vigência até 1º de julho do mesmo ano. O índice procurou refletir a variação do poder aquisitivo da moeda, servindo apenas como unidade de conta e referência de valores. https://pt.wikipedia.org/wiki/Unidade_real_de_valor.

⁶⁹Professor, sociólogo, cientista político, escritor e político brasileiro. Filiado ao Partido da Social-Democracia Brasileira, foi o 34.º presidente da República Federativa do Brasil entre 1995 e 2003. https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Henrique_Cardoso.

⁷⁰Jornalista e apresentadora de televisão brasileira. Atualmente, apresenta o Globo News e faz comentários no Bom Dia Brasil e na coluna Panorama Econômico de O Globo. https://pt.wikipedia.org/wiki/Miriam_Leit%C3%A3o.

⁷¹Jornalista, começou a trabalhar na Globo em 1984 como produtor. Foi diretor da Central Globo de Jornalismo, diretor de Jornalismo e Esportes e em 2013, assumiu a direção-geral da Globo. De 2020 a maio de 2021, com o processo de transformação da empresa, foi diretor de Criação e Produção de Conteúdo da Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/carlos-henrique-schroder/noticia/carlos-henrique-schroder.ghtml>.

reportagem busca a isenção jornalística e atua como a principal fonte de matérias exclusivas para os telejornais, de acordo com Barbeiro e Lima (2002).

A relação entre o tema e a data comemorativa cria um apelo emocional junto ao telespectador, gerando uma identificação com ele. Para que isso aconteça, é fundamental que o jornalista tenha uma narrativa excelente, autonomia para produzir, pesquisar e escrever sobre um determinado tema para uma reportagem especial.

A grande reportagem só pode ser escrita por um repórter que tenha bom texto, no mínimo acima da média, pois, necessariamente extensa, não será lida se a narrativa for fraca, monótona, cansativa ou desinteressante. (FLOSI, 2012, p. 11).

As séries de reportagens eram exibidas ao longo da semana nos telejornais da emissora, Memória Globo (2004). No JN, diversas delas, dos mais variados temas, foram e são exibidas até hoje. Entre elas, destaca-se a série “Fome no Brasil”, veiculada entre os dias 18 e 22 de junho de 2001, uma das mais premiadas no país e realizada pelo jornalista Marcelo Canellas, o cinegrafista Lúcio Alves e equipe. Falaremos mais sobre ela ao final deste capítulo. Pautas relativas aos Direitos Humanos passaram a ocupar cada vez mais espaço nas grades do telejornal.

Os exemplos de situações em que o JN cresceu por força de notícias inesperadas são muitos em 40 anos de história. Mas há também várias edições “dilatadas” por coberturas especiais planejadas bem antes. Aliás, se o Jornal Nacional tem o factual imprevisível como matéria-prima básica, os acontecimentos de grande importância com data marcada para acontecer demandam, em contrapartida, muito planejamento. (BONNER, 2009, p. 26).

Em 1999, William Bonner e Fátima Bernardes passam a ser os âncoras do JN e ele acumula, até hoje, a função de editor-chefe do telejornal. Em 2001, o telejornal apresentou uma edição especial sobre o atentado às Torres Gêmeas⁷², garantindo recorde de liderança na audiência naquele ano. Dois anos depois, o JN noticiou outra perda, a morte do fundador da Rede Globo, Roberto Marinho. O jornalista

⁷² O World Trade Center original foi um grande complexo de sete edifícios na região de *Lower Manhattan, New York*, Estados Unidos, incluindo as famosas Torres Gêmeas. Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos, coordenados pela organização fundamentalista islâmica *al-Qaeda*. Na manhã daquele dia, dezenove terroristas sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros, colidindo intencionalmente com dois dos aviões contra as Torres Gêmeas. [https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center_\(1973%E2%80%932001\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center_(1973%E2%80%932001)).

Carlos Henrique Schroder destaca a importância ao se elencar determinados repórteres para o Jornal Nacional.

Nesses 40 anos, o JN foi sempre um agregador da família diante da TV. De uma certa forma, é como se o Jornal Nacional e seus integrantes fizessem parte das famílias ao frequentar suas casas. Por isso, aqueles profissionais que levam a notícia têm de ser... familiares. Têm de ser conhecidos e reconhecidos pelo telespectador. Se fizéssemos um jornal com pessoas desconhecidas a cada dia, seria muito mais difícil, para o público, identificar-se com o JN como ocorreu nessas quatro décadas. (BONNER, 2009, p. 46).

Grandes reportagens e coberturas completam a história do principal telejornal da Globo, assim como grandes nomes passaram pelo JN. Entre eles, destaca-se Marcelo Canellas, que atualmente produz reportagens especiais para o Fantástico.

4.2 HISTÓRIA DO MARCELO CANELLAS NA TELEVISÃO

Marcelo Canellas nasceu em Passo Fundo, no ano de 1965, cresceu ouvindo as fábulas contadas pela sua avó, o que lhe despertou um interesse pelas histórias e suas narrativas. De acordo com Souza (2015), na infância Canellas tinha o hábito de ler os livros de Monteiro Lobato e na pré-adolescência, a coleção “Para Gostar de Ler”, que tem entre as publicações, autores como Rubem Braga, Fernando Sabino, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade, importantes autores brasileiros do século 20. Além disso, Marcelo observava seu pai, avô e tios lerem jornais diariamente e juntava-se a eles.

Do hábito da leitura, veio a escrita. Nessa mesma época, destacava-se entre os colegas pelos seus textos e oratória, quando ganhou o primeiro concurso de contos e ficou entre os primeiros colocados, dois anos seguidos, em concursos de oratória.

Na década de 80, entrou para a faculdade de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria e, por dois anos seguidos, venceu o concurso de poesia promovido pela prefeitura do município. O jornalismo propiciava oportunidades para escrever, já que ser escritor era algo inatingível para ele, como Souza (2015) descreve em seu livro.

No último ano do curso, teve a primeira experiência jornalística ao cobrir as férias de um repórter no jornal “A Razão”⁷³. Estava ali o que Canellas tanto buscou: escrever reportagens para o impresso. Foram poucos dias no jornal e logo estava de volta ao mercado atrás de novas possibilidades. Foi depois de formado que a estreia na televisão aconteceu. Não era a área que lhe interessava, mas aceitou porque precisava trabalhar.

Iniciou a trajetória na RBSTV Santa Maria, uma das afiliadas da Globo no Rio Grande do Sul, onde ficou por seis meses. Após esse período foi convidado para trabalhar na Emissoras Pioneiras de Televisão (EPTV) Ribeirão, no interior de São Paulo, outra afiliada, onde realizou diversas reportagens especiais, as quais chamaram a atenção da Globo pela sensibilidade e simplicidade, características marcantes do trabalho dele.

A maioria dos bons jornalistas que espera entrar no mundo de alguém e ficar lá por algum tempo procede com muita delicadeza e não bombardeia com perguntas seus personagens... Se um repórter fica com uma pessoa ou grupo durante tempo bastante, eles – repórter e personagem – desenvolvem um relacionamento pessoal de algum tipo... Na maioria das vezes será algum tipo de amizade. (WOLFE, 2005, p. 84).

Além dessas características em relação aos seus trabalhos, Canellas sempre se mostrava uma pessoa educada e agradável, um jornalista genial no que fazia e que tratava todos com delicadeza e respeito, diz a jornalista Érica Amêndola⁷⁴ em Souza (2015).

Em 1990, a convite de Carlos Henrique Schroder, estreou na TV Globo um pouco apagado para logo em seguida produzir diversas matérias para o Jornal Nacional, onde passou a ser conhecido pelo seu estilo diferenciado de falar e escrever que cativaram o telespectador através das suas reportagens nas áreas de direitos humanos e sociais.

⁷³Fundado em outubro de 1934, o jornal registrou, ao longo destes quase 83 anos de circulação, parte significativa da história de Santa Maria e da região Central do RS. Participou ativamente do desenvolvimento da cidade, apoiou as boas iniciativas da comunidade e das entidades, identificou-se com os acontecimentos e as reivindicações locais e caracterizou-se como um jornal que defende os interesses da nossa região. Encerrou as atividades no dia 25 de fevereiro de 2017. <https://minuanofm.com.br/devido-a-criese-jornal-a-razao-de-santa-maria-encerra-suas-atividades/>.

⁷⁴Jornalista, produtora artística, redatora e editora, atua no âmbito da cultura do município de Ribeirão Preto, ocupou o cargo de secretária adjunta de Cultura da Prefeitura Municipal (2009-2016). <https://www.escavador.com/sobre/379053268/erica-crespi-amendola>.

Canellas propõe pautas as quais acredita merecerem ‘existência pública’, além de questões que o incomodam como cidadão. Ele olha para números, mas enxerga pessoas. Por isso, não é à toa que o lema profissional é ‘deixar-se surpreender pela vida’. (LAPUENTE, 2021).

Isso se reflete nas reportagens feitas por Canellas, como no Massacre de Vigário Geral, em que ele e a jornalista Sônia Bridi⁷⁵ lutaram para que as imagens fossem ao ar, a Chacina da Candelária⁷⁶ envolvendo direitos humanos e sociais e a passeata dos caras-pintadas onde foi surpreendido pela vida ao ter seu rosto e câmera pintados por uma manifestante.

Depois de várias reportagens nas áreas social e humana, Marcelo recebeu um convite para ir a Brasília cobrir política. De acordo com o Memória Globo (2021), ele não se adaptou à rotina e começou a fazer matérias comportamentais, onde foi possível aprofundar ainda mais o trabalho que fazia, afastando-se dessa forma, das notícias factuais. O caminho para as reportagens especiais foi natural. Começou a produzir diversas delas para o Fantástico e Jornal Nacional, com o apoio da equipe que ele montou durante mais de duas décadas de trabalho em Brasília.

4.3 MARCELO CANELLAS E A SÉRIE ESPECIAL “FOME NO BRASIL”

Na faculdade, o então estudante de jornalismo, Marcelo Canellas, leu “Geografia da Fome”, de Josué de Castro⁷⁷. “Um livro escrito em 1946 e que me causou grande impacto e muita curiosidade de saber se as suas premissas ainda estavam presentes mais de 50 anos depois” (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Conhecer o mundo é se apropriar de um conjunto de conceitos que foram produzidos pela experiência humana através dos tempos. Esses conceitos são expressos pela linguagem. A apropriação das palavras, e de seus

⁷⁵Jornalista e escritora, ingressou na Globo na década de 1980 e foi correspondente da emissora em Londres (1995), *New York* (1996 a 1999), Pequim (2005 a 2006) e Paris (2008 a 2010). Em julho de 2008, lançou o livro *Laowai* (estrangeiro) – histórias de uma repórter brasileira na China. Também lançou em 2012 *Diário do Clima* publicado pela Globo Livros, relatando suas viagens pelo mundo em busca de respostas para as alterações climáticas bem como relatando os bastidores da série do Fantástico “Terra, que tempo é esse?” https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B4nia_Bridi.

⁷⁶Chacina que ocorreu na noite de 23 de julho de 1993, próximo à Igreja da Candelária, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Neste crime, oito jovens foram assassinados. https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacina_da_Candel%C3%A1ria.

⁷⁷Médico, nutrólogo, professor, geógrafo, cientista social, político, escritor e ativista brasileiro do combate à fome. https://pt.wikipedia.org/wiki/Josu%C3%A9_de_Castro.

significados, denota justamente a apropriação do mundo concreto. Então, zelar pela integridade da linguagem, do significado das palavras, é zelar pelo conhecimento acumulado pela humanidade, que representa um patrimônio inestimável para todos nós. (CANELLAS, 2006).

Em 1998, ele começou a pesquisar e planejar a série de reportagens especiais sobre a “Fome no Brasil”. Em todas as suas viagens a trabalho, aproveitava a oportunidade para pesquisar informações sobre os casos de desnutrição, buscava conhecer o local e conversava com pessoas que pudessem fornecer subsídios para embasar seu projeto.

O jornalismo investigativo é geralmente definido como forma extremada de reportagem. Trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pelo qual o repórter, em geral, se apaixona. (LAGE, 2017, p.138).

Aos poucos foi montando um dossiê para ser apresentado futuramente à chefia da emissora. Somente em 2001, Canellas teve a liberação para começar a produzir a série e ela finalmente saiu do papel para as telas. Sônia Bridi, colega de Canellas, afirma:

Ele tem peito para trazer esses temas fortes para o dia a dia. Tem uma habilidade incrível de pegar uma coisa que é óbvia, que sempre aconteceu, mas que ninguém tinha percebido que era uma notícia, justamente pelo fato de sempre ter estado ali e ninguém fazer nada para mudar. (SOUZA, 2015, p. 79).

Uma equipe formada por Canellas, pelo cinegrafista Lúcio Rodrigues⁷⁸ entre outros, mapeou a fome ao viajar por seis estados brasileiros atrás de histórias e personagens. Aos poucos a série foi criando forma através dos depoimentos e lugares visitados. Rostos ganharam nomes e os lugares eram marcados no mapa a partir de cada história relatada. Criava-se ali, uma espécie de ligação, um elo entre as diferentes culturas de diferentes estados brasileiros, que é a fome.

O equilíbrio pode dizer respeito quer ao jornal, ou ao telejornal, no seu conjunto, quer a elementos específicos como a cobertura geográfica (procura-se ter notícias que cubram, dentro do possível, todo o território nacional), as classes etárias (notícias que possam interessar, tendencialmente, todas as camadas da população). (WOLF, 1995, p. 188).

A denúncia estava feita, como diz Flosi (2012), além de informar, o jornalista deve, através das oportunidades que surgirem, aproveitar para denunciar as

⁷⁸Repórter cinematográfico gaúcho, entrou para a Globo em 1987. Em 1996, ganhou o prêmio Vladimir Herzog com Caco Barcellos pela reportagem ‘Riocentro – 15 Anos Depois’. Rodou o mundo pelo Fantástico e Globo Repórter e se tornou correspondente em *New York* em 2004. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/lucio-rodrigues/noticia/lucio-rodrigues.ghtml>.

injustiças sociais. Isso só é possível através de uma apuração detalhada e aprofundada sobre o tema e os personagens envolvidos.

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor. (PENA, 2006, p. 55).

Marcelo sempre procurou conversar muito com as fontes e personagens para criar um ambiente acolhedor e confiável, no qual as pessoas se sentissem à vontade para confidenciar suas histórias, problemas, medos, expectativas e até a falta delas. Foram dois meses intensos de dedicação para finalização da reportagem especial seriada.

Não tenho ilusões sobre o papel de uma reportagem, ainda que no telejornal mais importante do país, na transformação de uma realidade injusta. Não podemos superestimar o jornalismo; ele não muda o mundo, apenas mostra o que deve ser mudado. Mas acredito firmemente na ação concreta de cidadãos organizados e conscientes de sua cidadania. Isso sim pode nos dar um país melhor. (CANELLAS, 2006).

A série foi exibida em junho de 2021, no Jornal Nacional e provocou uma comoção, visto que uma das personagens faleceu antes da primeira reportagem ir ao ar. O tema fome e desnutrição entrou em discussão e provocou o agendamento público, por parte da imprensa, alertando a sociedade para reflexão e discussão e possibilitando que atores políticos e econômicos priorizem o assunto. “A Teoria da Agenda evoluiu a partir de uma descrição e explanação da influência que a comunicação de massa tem na opinião pública sobre os temas do dia” (MCCOMBS, 2009, p.12).

Ainda, de acordo com Traquina (2004), os jornalistas têm o poder principal de decidir sobre o que é ou não notícia que dará existência pública aos acontecimentos. Foi o que fez Canellas, ao dar destaque para um tema tão esquecido pelos veículos e ao mesmo tempo tão relevante, pois envolve direitos humanos básicos de sobrevivência. A Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. (BRASIL, 1948, Art. 25).

Ao pensar na abordagem, linguagem e no formato que a série teria, Marcelo sabia da sua contribuição para sociedade, para o bem comum e para que houvesse uma transformação social e humanitária no país através da revelação de todas aquelas histórias e personagens.

Mesmo a série “Fome no Brasil” sendo reconhecida nacional e internacionalmente com muitas premiações no telejornalismo brasileiro, elas não foram suficientes para que a situação desesperadora de fome melhorasse. Nem as medidas tomadas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, como as emergenciais, foram efetivas e, tampouco as mobilizações realizadas pelo país conseguiram estancar os casos de desnutrição da população brasileira, principalmente nas regiões mapeadas pelo jornalista: Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, São Paulo e o Distrito Federal. Porém, a série serviu como ferramenta para articulação da sociedade e como instrumento de treinamentos de agentes de saúde, de acordo com Marcelo Canellas (SOUZA, 2015).

As coberturas jornalísticas sobre direitos humanos têm se tornado mais frequentes nos telejornais e motivado a criação de diversos prêmios na área. De acordo com o Memórias Globo (2021), entre os diversos prêmios recebidos pela série “Fome no Brasil”, destacam-se o Ayrton Senna de Jornalismo, o Barbosa Lima Sobrinho, o Vladimir Herzog na categoria de documentário e a medalha ao mérito da Organização das Nações Unidas (ONU). E, Canellas foi o primeiro jornalista a receber o Prêmio Boerma de Jornalismo, concedido pela FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*)⁷⁹, pela série de reportagens sobre a fome.

Dois anos após a série, Marcelo Canellas revisitou os locais retratados, dessa vez para uma reportagem para o Globo Repórter, mostrando que a situação pouco havia mudado até aquele momento. Como diz Lage (2017), o jornalismo investigativo também serve para dar luz e destaque às misérias, injustiças, questões sociais, que foram ou ainda são problemas a serem resolvidos.

⁷⁹Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, sigla do inglês *Food and Agriculture Organization*) é uma agência das Nações Unidas, que lidera esforços para a erradicação da fome. Composta por 194 Estados-membros, mais a União Europeia (UE) e, com presença em mais de 130 países, a organização funciona como um fórum neutro, onde todas as nações que a compõem possuem peso igualitário no que tange às estratégias e decisões, pois proporciona a todos os seus integrantes oportunidades para elaborarem e discutirem políticas ligadas à agricultura e alimentação. https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_Alimenta%C3%A7%C3%A3o_e_Agricultura.

5 ANÁLISE DA ABERTURA E FECHAMENTO NOS TEXTOS DA SÉRIE “FOME NO BRASIL”

Este capítulo trará a análise das aberturas e fechamentos nos textos televisivos do jornalista Marcelo Canellas nos episódios da série "Fome no Brasil", veiculados entre os dias 18 e 22 de junho de 2001, no Jornal Nacional.

Para a produção da reportagem especial seriada “Fome no Brasil” foi necessária uma pesquisa aprimorada e aprofundada sobre as regiões do país, assim como uma junção de documentos sobre o assunto. As informações apuradas ajudaram o jornalista a compreender a realidade de cada lugar, as pessoas, a forma de abordar o assunto e fazer com que os habitantes e futuros telespectadores entendessem o que estava sendo dito e mostrado.

No Brasil, a linguagem do cotidiano muda muito de região para região – são os regionalismos incorporados ao linguajar do povo brasileiro. É lógico que, na medida em que estamos em busca do entendimento para a nossa mensagem, é muito importante levar em consideração o tamanho do país em que vivemos e os diferentes graus de entendimento que uma mesma mensagem pode ter. (FLOSI, 2012, p. 101).

Neste trabalho utilizou-se procedimentos metodológicos de documentação, através das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental.

Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fitas magnéticas e audiovisuais; filmes e televisão. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 183).

Do método comparativo, a técnica de análise de conteúdo na qual, de acordo com Bardin (2016), o objeto é a fala em seu aspecto individual da linguagem.

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. [...] é uma busca de outras realidades por meio das mensagens. (BARDIN, 2016, p. 50).

E do método de observação aproveitou-se a técnica de entrevista, como Relações Públicas e Jornalismo, segundo Marconi e Lakatos (2003). Nesse caso, a

entrevista informal⁸⁰, realizada no dia 09 de junho pela plataforma *Zoom*⁸¹, com o jornalista Marcelo Canellas, discorreu sobre o jornalismo literário e o processo de construção das aberturas e fechamentos dos textos para a série “Fome no Brasil”.

Com o objetivo de esclarecer e aprofundar a pesquisa, optou-se pela categorização que, segundo Bardin (2016), é uma espécie de classificação e ordenação de elementos constitutivos de um determinado grupo, que se diferenciam em algum aspecto, para se reagrupar sob critérios previamente definidos.

Ao analisar os textos de abertura e fechamento dos episódios da série, elencou-se duas categorias: “Recursos poéticos” e “Humanização nos textos televisivos”.

- Recursos poéticos: uso de figuras de linguagem para trazer ao texto fluidez ou para provocar no leitor/ouvinte/telespectador uma interpretação diferente do texto, de forma mais poética. A metáfora é a figura mais utilizada porque produz sentidos figurados por meio de comparações e por ser recurso expressivo. Outra figura de linguagem relevante é a hipérbole, que expressa algo de forma exagerada nos textos literários.

- Humanização nos textos: o jornalista dá voz aos personagens, de forma com que se tornem conhecidos, assim como suas narrativas, através de uma escrita envolvente e instigante.

O vídeo⁸² desta análise contém os cinco episódios da série, em sequência, e está postado no *YouTube*⁸³. A primeira reportagem da série “Fome no Brasil”, exibida do dia 18 de junho, busca sensibilizar o telespectador ao mostrar a situação precária de pessoas que habitam Araçuari, cidade localizada ao norte de Minas Gerais, fazendo uma espécie de costura entre imagens, depoimentos, ruídos e

⁸⁰ É o tipo menos estruturado possível, se distingue de uma conversa simples por ter como objetivo a coleta de dados, visando a obter uma visão geral do problema pesquisado. <https://treinamento24.com/library/lecture/read/262709-o-que-e-uma-entrevista-informal>.

⁸¹ A plataforma Zoom permite chamadas de vídeos para diversos fins, desde reuniões familiares até reuniões com equipes. <https://www.remissaonline.com.br/blog/plataforma-zoom/#:~:text=A%20plataforma%20Zoom%20permite%20chamadas,fundamentais%20para%20pessoas%20e%20empresas>.

⁸² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>. Acesso em 16 jun. 2022.

⁸³ YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos na internet. <https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>.

silêncios. Esse recurso fica evidente no trecho compreendido entre o minuto 5'49" e 6'06", fechamento do primeiro episódio, exibido no dia 18 de junho de 2001:

Desde o início dessa reportagem já se passaram 5 minutos e meio para contagem regressiva da fome, mais luto, mais uma perda. Nossa maior fortuna indo embora. Nosso óbvio tesouro esquecido em lugarejos e favelas. (som do sino tocando).

Na expressão “contagem regressiva da fome”, o jornalista utilizou a metáfora para envolver o telespectador e fazê-lo refletir sobre essa situação recorrente e desesperadora que é morrer de fome, num país tão rico em recursos. Assim como, na “nossa maior fortuna”, comparando as pessoas à fortuna, valorizando cada vida e em todos os cantos do país.

De acordo com o jornalista, quando perguntado durante a entrevista (material da entrevista consta no apêndice deste trabalho) se o texto foi fundamental para contar aquilo que era mostrado na série, ele respondeu:

Na série da fome um dos momentos mais fortes do primeiro episódio é o final quando toca aquele sino. Aquilo é um elemento narrativo. Olha a carga simbólica que tem aquilo lá e aí você diz: olha, se passaram cinco minutos e meio, quantas crianças morreram? Então, é a articulação dos elementos narrativos é que compõe o texto da televisão. Não é me sentar diante do computador e escrever. É articular a imagem, os depoimentos, os silêncios, os ruídos, a intervenção do repórter.

Esse tipo de linguagem narrativa aproxima o telespectador da realidade vivida pelas pessoas que sofrem da fome, com uso de adjetivos e figuras de linguagem. O formato se repete nas demais aberturas e fechamentos dos episódios da reportagem especial seriada. Canellas destaca, na entrevista, que os textos não devem ser meras descrições das imagens. Eles precisam contar o que a imagem não mostra. Ele afirma que a interferência do repórter deve ser mínima e que os depoimentos têm prioridade.

Na abertura do primeiro episódio, entre o 1'02" e 1'20", Marcelo inicia o texto de forma dramática:

Uma tragédia a conta gotas dispersa, silenciosa, escondida nos rincões e nas periferias. Tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto. E aí a fome vira só número, estatística. Como se o número não trouxesse junto com ele dramas, histórias, nomes.

Nesse trecho, Canellas usa as figuras de linguagem metáfora ao falar “uma tragédia a conta gotas” e metonímia⁸⁴ em “tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto”, dentro de uma crônica para fazer a abertura da série. A crônica, como vimos anteriormente, compõe o gênero opinativo, pois se utiliza de recursos poéticos e de linguagem para sua escrita.

O uso desses recursos e a humanização na escrita são percebidos na abertura, entre o minuto 10’15” e 10’38”, do terceiro capítulo exibido no dia 20, quando Canellas compara a situação da fome entre dois estados do país evidenciando a semelhança que os dois locais apresentam:

Onde circula o dinheiro, onde corre a penúria. O grito dos milhões, o pregão das migalhas. O estado mais rico e o estado mais pobre. Diferentes em tudo, São Paulo e Piauí podem ser mais iguais do que se pensa.

Fica evidente nesse trecho, a aproximação da poesia através das comparações metafóricas entre as cidades, enquanto utiliza imagens para descrever os locais que cita no texto. A escolha pelo uso de determinados adjetivos e substantivos como por exemplo, a palavra “penúria” que é utilizada para se referir à pobreza do sertão, assim como “migalhas” para se referir aos restos de comida, servem para ilustrar a situação precária da fome na relação entre esses dois estados do país.

Marcelo diz que o jornalismo pode utilizar todos os instrumentos da literatura, inclusive metáforas:

A gente pode usar metáforas. Eu acho que a grande baliza do uso da metáfora ou de qualquer figura de linguagem, assim, que te remeta à subjetividade, é que você pode ser subjetivo até o momento em que você não compromete a integridade da notícia. Essa é a baliza.

O fechamento do mesmo episódio, na minutagem de 12’58” a 13’08”, ele remete a sensações e percepções ao humanizar o texto dando nomes e rostos para os números da fome:

A paulista Marli e a piauiense Das Graças nem se conhecem. Em comum a extrema pobreza e uma força tirada do afeto, inesperada e surpreendente.

⁸⁴ Consiste na utilização de uma palavra no lugar de outra com a qual haja uma relação de sentido.
<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-metonimia.htm>.

Para Canellas, o texto pode esgarçar o significado da imagem, principalmente quando se faz uma relação indireta. “Tu usa um texto pra fazer um reforço indireto daquela imagem. Então, eu acho que o texto serve pra isso, serve pra alargar o significado da imagem”.

A mesma situação é percebida na quarta reportagem da série, veiculada no dia 21, onde Canellas apresenta algumas soluções para o combate à fome dos brasileiros, fazendo com que a população se mobilizasse para ajudar. Para gerar esse envolvimento e comoção, na abertura, entre os minutos 13’29” e 13’51”, ele diz:

Uma constatação irrefutável, medida e checada. Uma premissa inquestionável, líquida e certa. Dois argumentos de uma disposição muito firme.

E no fechamento do mesmo episódio, aos 16’21” até 16’31”, também encontramos a utilização dos mesmos recursos de figuras de linguagem na escrita dele:

Gente pobre, mas de mesa cheia, de boca cheia, plena de dignidade com um único desejo que um dia há de se cumprir.

Essa escrita poética e humanizada, nesses fragmentos da abertura e fechamento, faz com que o telespectador reflita sobre o que está assistindo.

O segundo episódio, exibido no dia 19, aborda os problemas de saúde causados pela fome e a consequente desnutrição, principalmente das crianças atendidas nos hospitais das regiões mapeadas na série.

O repórter “contador de histórias”, como Marcelo Canellas gosta de ser chamado, conta o que precisa ser dito, de forma direta, sem esquecer da emoção. O que se evidencia na abertura, entre os minutos 6’26” e 6’44”, quando ele menciona a questão da fome além do sofrimento físico:

Na terra do padroeiro informal do sertão, o lado mais perverso da fome. Mais do que a humilhação, mais ainda do que a dor provoca pela chamada doenças tradicionais, esse hospital psiquiátrico, único da região do Cariri, no sul do Ceará, é a prova de que a fome pode ir além do mero sofrimento físico.

Ao falar “lado mais perverso da fome”, “mais do que a humilhação”, “mais ainda do que a dor provocada”, são exemplos do uso da figura de linguagem hipérbole, ao trazer a palavra “mais” nas três menções.

E encerra esse mesmo episódio, de 9'48" a 10'02", alertando sobre a necessidade de se alterar esse quadro desesperador da fome, ao destacar que o cuidado pode salvar as pessoas:

Equipes da universidade federal de Pernambuco tentam mudar o curso dessa história. Medindo, pesando, ensinando a amamentar. A recompensa é rápida, capaz de reanimar um velho médico em sua luta contra a fome.

O quinto e último episódio, exibido no dia 22 de junho, é uma compilação das reportagens seriadas, exibidas entre os dias 18 e 21 de junho de 2021, no Jornal Nacional. Na abertura, compreendida entre os minutos 16'47" e 17'10", um texto emocionado traduz a mobilização da população brasileira em torno do tema:

No Vale do Jequitinhonha em Minas, crianças dividindo grãos, cidades abandonadas na Bahia, as doenças da escassez em Pernambuco, a população faminta no Piauí, o choro da fome em Salvador ou na periferia de São Paulo. A tragédia onipresente tocou o país. Centenas de telespectadores ligaram para ajudar.

O uso de metáforas, por Canellas, tanto na abertura acima, quanto no fechamento abaixo, na minutagem de 18'24" a 18'44", provoca comoção e reforça a necessidade de se ajudar o próximo e de se salvar vidas, através da doação de alimentos e de valores:

O Brasil tem centenas de entidades de combate à fome de todo tipo, desde programas de geração de renda até a adoção de famílias pobres através do pagamento de uma mesada. Uma rede invisível de solidariedade à espera de adesões. Mas porque será que as pessoas não têm o costume de ajudar quem mora perto de casa?

Marcelo Canellas desenvolve o papel de interlocutor humanista, enfatizando a vida dos mais esquecidos, através do uso de recursos poéticos, levando os telespectadores a uma reflexão. Isso só funciona se o repórter está realmente disposto a ouvir o que as pessoas têm a dizer. Na entrevista, ele diz que as pessoas falam coisas impressionantes quando o jornalista realmente age como escuta e não como provocação. E que ele gosta de ser surpreendido.

5.1 PERCEPÇÕES E OLHARES SOBRE OS TEXTOS DE MARCELO CANELLAS

Percebemos, ao analisar os cinco episódios dessa série tão premiada, que a realidade de determinadas regiões do país em relação ao acesso à alimentação, é por vezes, negligenciada pelos governos e ignorada por muitos brasileiros. A forma poética e humanista como Canellas nos apresenta essa triste e desesperadora situação nos textos, nos remete ao *New Journalism*. Onde a poesia e a escrita humanista, nos remetem à literatura, de acordo com Bulhões (2007), por serem aspectos do jornalismo literário. Na entrevista, Marcelo explica que:

O instrumento do jornalismo é a narrativa, é a língua. É a urdidura dos acontecimentos através da 'costura' que você faz. E isso se dá através de um aprendizado que é dado através da experiência concreta da gente e pelas leituras que você faz. É a influência que você 'bebe' dos grandes escritores pra compor um estilo. Eu bebi muito do Rubem Braga, do García Márquez, do Érico Veríssimo, do Assis.

Os autores citados por Canellas na entrevista e no livro escrito por Sidney de Souza (referenciado nessa pesquisa), definiram o jeito dele de escrever:

Eu gosto das minúcias, eu gosto das coisas laterais que as vezes me ajudam a contar aquilo que é fundamental, aquilo que é essencial. As vezes uma fuga lateral me permite jogar uma luz sobre aquilo que é essencial também. Isso é uma coisa que é emprestado da crônica.

Em relação ao uso de subjetividade nos textos, Canellas destaca que se ela não comprometer a notícia, pode ser um recurso narrativo importante:

Porque joga pra emoção e a emoção é importante para a compreensão de um fato. Você não pode retirar a emoção de algo que seja profundamente humano por exemplo. E aí o recurso das figuras de linguagem emprestados da literatura são legítimos pro jornalismo.

Da mesma forma quando esses recursos são usados em publicações impressas, de acordo com Ferrari e Sodré (1986) elas são vitais para não deixar escapar a força do texto e não perder o leitor no meio da história.

Uma outra percep o que surgiu durante a análise dos textos televisivos para abertura e fechamento dos cinco episódios da série "Fome no Brasil", foi o tamanho/tempo de cada texto, os quais duravam poucos segundos. Ao ser

perguntado na entrevista sobre a importância do texto para contar a história dessas pessoas, juntamente com as imagens, ele destacou: “Você tinha uma realidade absolutamente contundente, você tinha depoimentos muito fortes, você tinha imagens muito fortes e o texto tinha que servir pra costura. Você tinha que ser certo”, diz como se atirasse um dardo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elaboração do presente trabalho “Jornalismo Literário na TV: os textos do repórter Marcelo Canellas na série Fome no Brasil”, os problemas pesquisados ensejam algumas considerações sobre a análise das aberturas e fechamentos das cinco reportagens especiais da série, veiculadas no Jornal Nacional, da Rede Globo, entre os dias 18 e 22 de junho de 2001:

- Uma imagem pode até contar uma história. Mas, se ela estiver sozinha, será uma mera coadjuvante da notícia. Se estiver acompanhada de um texto bem construído, envolvente, persuasivo e impactante, ela se torna um complemento à história narrada.
- É possível observar, a partir da categoria “Recursos poéticos”, a presença do jornalismo literário nos textos de Marcelo Canellas, através do uso frequente de figuras da linguagem como um dos recursos poéticos nas aberturas e fechamentos dos textos nos episódios da série.
- Na categoria “Humanização nos textos”, foi possível identificar nas aberturas e fechamentos dos textos televisivos da série, a escolha e o emprego correto das palavras para contar o que precisa ser dito, de forma acolhedora, sensível e poética.
- Ficou evidente o quanto a construção das narrativas pode impactar e simplificar assuntos complexos, tornando-os compreensíveis por qualquer pessoa, de qualquer região do país.
- A reportagem especial permite um aprofundamento maior sobre o assunto abordado, fazendo com que o telespectador entenda e reflita sobre um tema tão urgente e necessário de discussão e, sensível aos governantes.

Por fim, acredita-se que foi possível realizar o que foi proposto mesmo que ao longo do trabalho, tenham sido encontradas algumas dificuldades, principalmente no que se refere aos gêneros jornalísticos, visto que os autores elencados para

conceituação do item, divirjam em suas definições, assim como destacam a dificuldade em se conceituar cada estilo/técnica/campo/gênero.

Portanto, esse estudo foi significativo, na medida em que deixa registrado a importância de se ter um texto bem articulado, escrito e interessante no jornalismo, seja ele televisivo ou não. Assim como destaca o talento de Marcelo Canellas para interlocução e escrita, o que faz dele um dos jornalistas mais premiados nacional e internacionalmente e, um grande contador de histórias da atualidade. Pois, a facilidade que ele tem de usar recursos poéticos e humanistas em seus trabalhos, faz dele um grande cronista além de jornalista literário, apesar de não gostar de rotulações. Fica claro, em cada linha, cada palavra, cada recurso, a preocupação em dar voz e vez a um povo cansado de ter fome e tornar visível assuntos por ora esquecidos pelos governantes e por nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- ASSIS, Francisco de.; MELO, José M. de. **Gêneros Jornalísticos: estudos fundamentais**. São Paulo: Editora Loyola, 2020.
- BARBEIRO, Heródoto.; LIMA, Paulo Roberto de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, Antonio (org.); DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.
- BENETTI, Marcia.; LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.
- BRASIL. Unicef. **Declaração universal dos direitos humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 09 abr. de 2022.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- CANELLAS, Marcelo. Mídia, sociedade e direitos humanos. **Portal dhnet**. Disponível em: http://dhnet.org.br/educar/1congresso/009_congresso_marcelo_canellas.pdf. Acesso em: 03 abr. de 2022.
- CARVALHO, Alexandre *et al.* **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- EMERIM, Cárilda (org.); PAULINO, Rita (org.). **Ensaio sobre televisão e telejornalismo**. Santa Catarina: Editora Insular, 2014.
- FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- FERREIRA, Giovandro (org.) *et al.* **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- FIGARO, Roseli (org.) *et al.* **Comunicação e a análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- FLOSI, Edson. **Por trás da notícia: o processo de criação das grandes reportagens**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

FRANÇA, Vera.; HOHLFELDT, Antônio.; MARTINO, Luiz. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 15. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005.

LAPUENTE, Patrícia. Marcelo Canellas: fruto da melhor profissão do mundo. **coletiva.net**, 2021. Disponível em: <https://coletiva.net/perfil/marcelo-canellas-fruto-da-melhor-profissao-do-mundo,400038.jhtml>. Acesso em: 03 abr. de 2022.

LOPES, Dirk.; RIOS, Aline de O.; VALIM, Sílvia (org.). **Produção de texto em TV: da pauta à transmissão**. Paraná: Editora InterSaberes, 2021.

MAGALHÃES, Mirian.; PIMENTA, Nathália. **Jornalismo literário e as narrativas dos dramas reais**. Paraná: Editora Appris, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

MCCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **JN: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

_____. **Perfil Marcelo Canellas**. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/marcelo-canellas/noticia/perfil-completo.ghtml>. Acesso em: 03 abr. de 2022.

_____. **História Jornal Nacional**. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 09 abr. de 2022.

NASCIMENTO, Patricia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo Augusto. **Contando a História do presente: princípios para a caracterização estrutural do jornalismo literário**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0411-1.pdf>. Acesso em: 24 set. de 2021.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. **Teoria do jornalismo**. 3. ed. 5. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2011. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/?p=255>. Acesso em: 09 abr. 2022.

_____. **Modelo de citações ABNT da Biblioteca Central Irmão José Otão**. Porto Alegre: Biblioteca Central Irmão José Otão, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/?p=255>. Acesso em: 13 maio 2022.

_____. Biblioteca Central Irmão José Otão. **Modelo de Referências ABNT da Biblioteca Central Irmão José Otão**. Porto Alegre: Biblioteca Central Irmão José Otão, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/?p=255>. Acesso em: 14 maio 2022.

RECH, Gisele Krodel. **Redação jornalística**: apontamentos para a produção de conteúdo. Paraná: Editora InterSaberes, 2018.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da.; FERNANDES, Mario Luiz (org.). **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Editora Insular, 2021. E-book.

SOUZA, Sidney Barbalho de. **Marcelo Canellas**: por um jornalismo humanista. São Paulo: Editora In House, 2016.

SOUZA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**: as teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Universidade Fernando Pessoa, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em: 04 out. de 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2004. v. 1

_____. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Editora Insular, 2008. v. 2.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Florianópolis: Editora Insular, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**: mass media – contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking - textos de apoio. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. 12. ed. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2017.

ZINGALLI, Patrícia. **Jornal Nacional**: a comunicação e a construção do imaginário à luz do apagão. 2002. 190f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista realizada pelo *Zoom* com Marcelo Canellas

1) Tu consideras teus textos literários?

Na verdade, eu comecei a refletir sobre isso no momento em que comecei a ser provocado. As pessoas começaram a perguntar, a vincular a minha carpintaria narrativa com o jornalismo literário. Eu te confesso que eu simplesmente fui fazendo ao longo da vida sem pensar nisso, né? Várias pessoas já me procuraram para dissertações de mestrado, para TCC e tal, sobre jornalismo literário, me citando como exemplo na televisão. Aí que eu comecei a pensar... o que que eu acho... que eu penso: o instrumento do jornalismo é a narrativa, é a língua. É a urdidura dos acontecimentos através da costura que você faz. E isso se dá através de um aprendizado que é dado através da experiência concreta da gente e pelas leituras, né? Pelas leituras que você faz. É a influência que você bebe dos grandes escritores pra compor um estilo. Esse negócio de estilo é engraçado. Tem um diálogo famoso do Joel Silveira com Graciliano Ramos. E o Joel Silveira perguntou pro Graciliano sobre estilo e o Graciliano que é um escritor maravilhoso, um dos meus preferidos né. “A gente não tem estilo, é jeito de escrever, é maneira. Quem tem estilo é o Dostoiévski, que tem estilo é o Proust, quem tem são os fundadores da literatura. É claro que ele tinha um estilo, que seja um jeito. Que é um jeito que a gente vai construindo com o tempo, que tem muito a ver com as leituras, né. Eu bebi muito do Rubem Braga, do García Márquez, do Érico Verissimo, do Assis.

2) Tu te consideras um escritor que faz um jornalismo literário ou tu preferes não ter este rótulo? Não, não me identifico e isso é o que falam de mim.

Eu sou repórter e é assim que eu gosto de me identificar. Um contador de histórias, sim. Acho que sou um repórter que tem uma pegada de crônica nos textos. Eu gosto das minúcias, eu gosto das coisas laterais que as vezes me ajudam a contar aquilo que é fundamental, aquilo que é essencial. As vezes uma fuga lateral me permite jogar uma luz sobre aquilo que é essencial também. Isso é uma coisa que é emprestado da crônica, eu acho. E acho assim, que a literatura, ela fornece para o

jornalismo todos os instrumentos de que ele precisa, inclusive metáforas. A gente pode usar metáforas. Eu acho que a grande baliza do uso da metáfora ou de qualquer figura de linguagem, assim, que te remeta à subjetividade, é que você pode ser subjetivo até o momento em que você não compromete a integridade da notícia. Essa é a baliza. Se a integridade da notícia tá comprometida pela subjetividade, tá mal, tá errado. Mas se a subjetividade não compromete a notícia, ela pode ser um recurso narrativo importante, porque joga pra emoção e a emoção é importante para a compreensão de um fato também. Você não pode retirar a emoção de algo que seja profundamente humano por exemplo. E aí o recurso das figuras de linguagem emprestados da literatura são legítimos pro jornalismo.

3) Qual a importância que tu achas que tem o texto pra compor aquela imagem? E a gente sabe nem sempre a imagem diz o que precisa ser dito.

Eu acho que a ideia de uma descrição puramente da imagem é um empobrecimento do texto na televisão. A imagem diz, sim, ela diz. E é possível que ela diga sozinha. Mas é possível também que o texto alargue o significado da imagem, esgarça o significado da imagem quando tu faz uma relação indireta, tu usa um texto pra fazer um reforço indireto daquela imagem. Então, eu acho que o texto serve pra isso, serve pra alargar o significado da imagem.

4) Tu achas que na série teu texto foi fundamental pra contar aquilo que estava mostrando? As imagens falam muito na série.

As imagens falam muito, os depoimentos das pessoas falam coisas impressionantes, é muito impressionante. Eu acho que aí funcionou uma postura de interlocução, né? Você está disposto a ouvir o que as pessoas têm a dizer e se posicionar como escuta mesmo, pra ouvir o que as pessoas têm a dizer. Acho que quando a gente se posiciona dessa maneira, como escuta mesmo e não como provocação, mas como escuta, você é capaz de ser surpreendido. Então, você tinha uma realidade absolutamente contundente, você tinha depoimentos muito fortes, você tinha imagens muito fortes e o texto tinha que servir pra costura. Você tinha que ser certo (diz como se atirasse um dardo). Se você pegar o texto da série da fome, não é muito grande não. Não tem uma quantidade de texto grande. É pouco...

Essa é uma preocupação recorrente que eu sempre tenho, a ideia de que o texto é... ele serve pra esgarçar, ele serve pra ampliar a significação da imagem. Ele não é o centro da narrativa, ele não é a coisa mais importante da narrativa. Aliás o que que é texto na televisão senão uma articulação dos elementos narrativos, dos muitos elementos narrativos. Que na televisão não é só o texto escrito, são os silêncios inclusive, as pausas. Na série da fome um dos momentos mais fortes do primeiro episódio é o final quando toca aquele sino. Aquilo é um elemento narrativo. Olha a carga simbólica que tem aquilo lá e aí você diz: olha, se passaram cinco minutos e meio, quantas crianças morreram? Então, é a articulação dos elementos narrativos é que compõe o texto da televisão. Não é me sentar diante do computador e escrever. É articular a imagem, os depoimentos, os silêncios, os ruídos, a intervenção do repórter. É por aí...

5) Tu desistiu em algum momento de ser jornalista? Nunca teve dúvidas?

Não, não... é claro que em alguns momentos você repensa a profissão, como por exemplo quando a Maria Rita morreu. A principal personagem da série da fome né. Foi um grande choque. Porque eu não sabia que ela tinha morrido. Eu assisti o segundo episódio da série e chegou a informação de última hora lá no Rio de Janeiro de que a Maria Rita tinha morrido. E quando a Fátima Bernardes leu a nota pé falando da morte da Maria Rita, eu levei um susto. Eu não sabia que ela tinha morrido. Esse é um momento... momento de você repensar mesmo, que que adianta você ter feito essa série e tal, se a Maria Rita morreu. Então, você entende também o papel do jornalismo de que a gente não tem que ter a arrogância de achar que você vai resolver as questões estruturais de um país tão desigual como o nosso. Aliás, você viu ontem né, os jornais todos dando que a fome voltou a níveis de 1994. Ou seja, a gente está pior do que estava quando eu fiz a série da fome em 2001. Mais de 60% da população com algum nível de insegurança alimentar. Isso é uma coisa assim... é desesperador mesmo.

6) O Sidney disse que tu não querias fazer o livro e tal...

Tu sabes o que que acontece né, eu sou um perguntador, não sou muito respondedor... (gargalhadas). Eu temo te frustrar um pouco, porque meu negócio é perguntar.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br